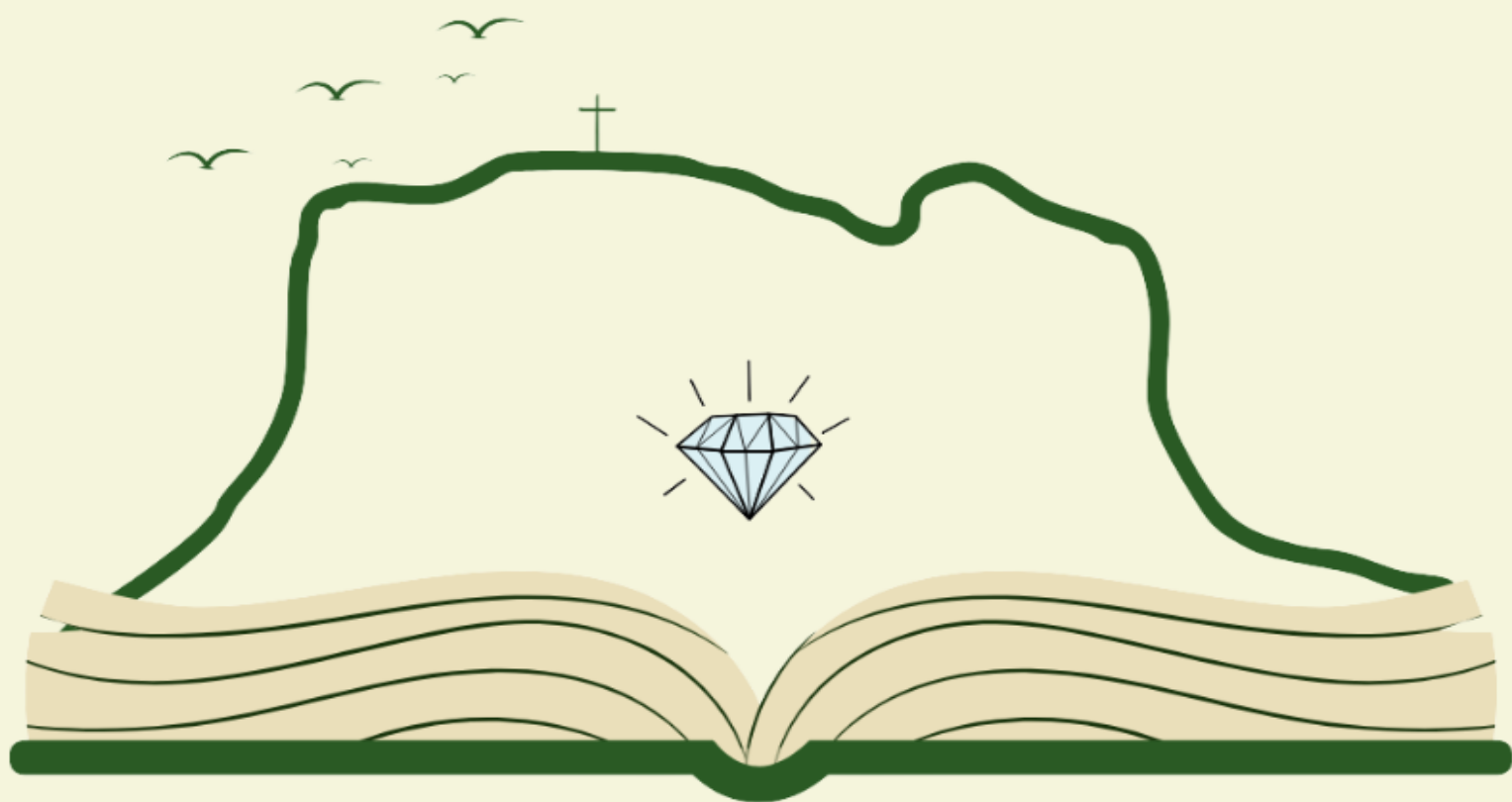


Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Damares Oliveira de Souza

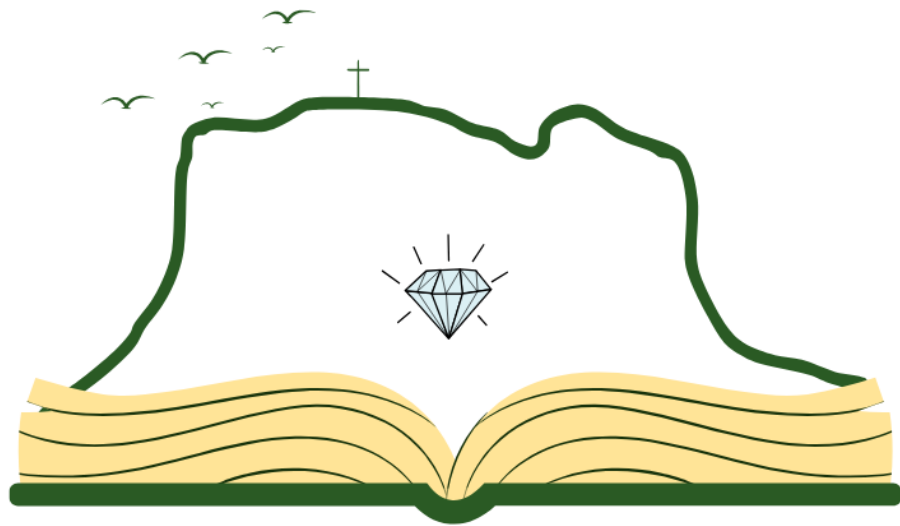
Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Maria Dusá na escola

O romance de Lindolfo Rocha



Damares Oliveira de Souza

Copyright © Damares Oliveira de Souza, 2025.

Todos os direitos de edição reservados à

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Avenida Transnordestina, s/n - Feira de Santana, Novo Horizonte - CEP

44036-900 – Feira de Santana – Bahia

Telefone (0xx75) 3161-800 <https://www.uefs.br/>

Ficha catalográfica

SOUZA, Damares Oliveira de. **Maria Dusá na escola**: O romance de Lindolfo Rocha. Livro literário que integra a plataforma Maria Dusá na escola: hiperedição do romance de Lindolfo Rocha. Feira de Santana. 2025.

Ensino Fundamental. Anos Finais. Ensino Médio. Plataforma Digital Maria Dusá na escola

Disponível em: <https://mariadusa.com/>

Texto, arte e designer

Damares Oliveira de Souza

Ilustração

Canva

O conteúdo desse website está protegido pela lei dos direitos autorais. A utilização dos recursos e materiais da plataforma Maria Dusá na escola, bem como dos materiais didáticos, impressos e digitais, é permitida apenas em contextos educacionais e mediante a devida atribuição de autoria por meio da citação da referência bibliográfica. Não é permitida a reprodução ou republicação de nenhum dos documentos em qualquer meio, fora dos parâmetros aqui estabelecidos. Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, intitulada doutorado Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, inserida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), desenvolvida pela

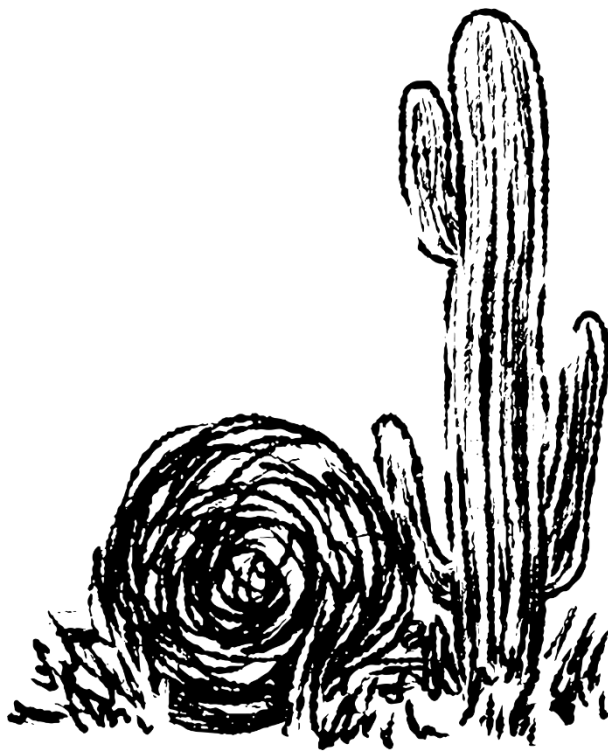
pesquisadora Damares Oliveira de Souza, sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.



À Marilde Aureliana, minha mãe, e à Olinda Oliveira, minha
vózinha, — mulheres que me inspiram todos os dias e me sustentam
com suas orações.

Ao meu amor e companheiro de vida, Tulio Nepomuceno.





“Aí na Chapada, quando se apontava uma mulher livre, que impunha certo respeito, dizia-se: - É mulher de punhal!”

(Lindolfo Rocha, 1910, p. 135-136)

SUMÁRIO

Apresentação, 15

O escritor Lindolfo Rocha: um romancista chapadista, 16

Romance: um gênero narrativo, 21

Maria Dusá: um romance chapadista, 22

Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia, 26

Filologia em cena, 28

O romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, 33

Recursos Educacionais Digitais, 63

Sobre a autora de Maria Dusá na escola, 65

Referências Bibliográficas, 67





APRESENTAÇÃO

O presente livro integra a Plataforma Digital Maria Dusá na escola. Os ícones presentes neste livro, indicará os recursos digitais disponíveis na plataforma e que pode ser acessado pelo leitor. Essa plataforma apresenta o romance *Maria Dusá*, do escritor Lindolfo Rocha, por meio de recursos digitais interativos, imagens da obra publicada em livro físico e em folhetins, notas explicativas acompanhadas de informações relacionadas aos textos e ao contexto histórico, fotografias relacionadas ao romance e à pesquisa, vídeos, jogos online e diversas outras informações complementares.

O livro *Maria Dusá na escola*: o romance de Lindolfo Rocha apresenta a edição interpretativa do romance *Maria Dusá* escrito pelo escritor mineiro Lindolfo Rocha. Essa edição foi especialmente elaborada para o público da Educação Básica. Como referência basilar, para a criação desse livro, foi utilizado o trabalho de Elizabeth Motta de Almeida, intitulado “Bahia Humorística na Escola”, publicado em 2022 (Almeida, 2022).

No romance, encontramos, uma história ambientada na Chapada Diamantina, Bahia, que narra a trajetória da protagonista Maria Dusá, uma personagem feminina representativa do ambiente sertanejo e dos costumes chapadistas. Sendo considerado o primeiro dos romances brasileiros publicados a tematizar o garimpo de diamante na Chapada Diamantina, *Maria Dusá (Garimpeiros)*: romance de costumes sertanejos e “chapadistas..” (1910) inspirou publicações de outros romances, contos e até telenovelas que o sucederam. Ler o romance *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha propicia que conheçamos aspectos culturais, históricos e sociais da época e da região da Chapada Diamantina - BA. Vamos lá?

Aponte a câmera do seu
smartphone para o QRCode:

Dica: para melhor visualização, recomenda-se acessar a plataforma no modo “site para computador”, disponível no menu de opções do navegador (ícone de três pontos).

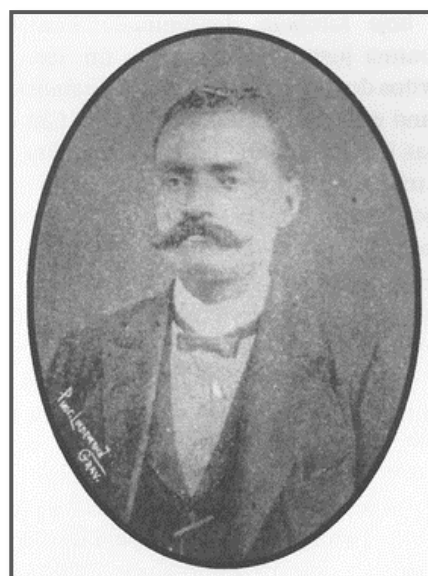


Acesse: <https://mariadusa.com/>

O escritor Lindolfo Rocha: um romancista chapadista

Lindolfo Jacinto Rocha é um escritor mineiro nascido em 03 de abril de 1862, na cidade mineira de Grão Mogol, zona de mineração de Minas Gerais, e falecido em 30 de dezembro de 1911.

Filho de Manuel Jacinto Rocha e de Irene Gomes, Lindolfo Rocha viveu no sertão da Bahia quase a totalidade dos seus 49 anos. Entre os seis e oito anos de idade, ao ficar órfão de pai, sua mãe decide partir para o povoado de Xique-Xique de Igatu, na Chapada Diamantina-BA, onde residiam outros parentes. Um menino mestiço, pobre e criado pela mãe, pouco se sabe da sua infância.

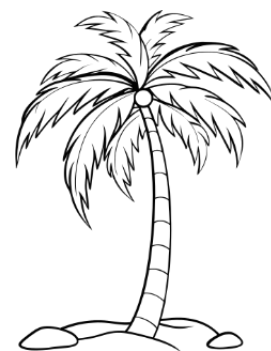


Lindolfo Rocha (1862-1911)



Dez anos após a sua partida de Grão-Mongol, têm-se notícias de Lindolfo Rocha em Bom Jesus dos Meiras, hoje cidade de Brumado-BA, em 1880. Posteriormente, mudou-se depois para a cidade de Maracás. Aos 18 anos, garantia o seu próprio sustento e de sua mãe, dando aulas particulares e tocando pistão numa filarmônica local.

Sua mãe, Irene, dedicou-se totalmente à sua criação, não se casando novamente e permanecendo na condição de viúva até o final da vida. Começando a progredir em sua formação intelectual, vai a Salvador, capital da Bahia, para prestar exames preparatórios no Ateneu Provincial. Mais tarde, já residindo na Vila d'Areia, hoje Ubaíra, cria o colégio primário São Vicente Ferrer.





Em 1890, matricula-se na Faculdade de Direito, em Recife-PE, recebendo em 1892 o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Já diplomado, Lindolfo Rocha lança-se no jornalismo e, pouco mais tarde, é convidado a trabalhar no jornal Diário de Notícias, da Bahia, na cidade de Salvador. A sua permanência física na redação jornalística durou pouco tempo, pois logo é nomeado juiz preparador da Comarca de Correntina – BA, ainda em 1892. Apesar disso, suas contribuições para o jornal Diário de Notícias continuaram constantes, ao ponto que se tornou colaborador efetivo da redação durante dois anos (1910 e 1911), os seus dois últimos anos de vida.

A atuação de Lindolfo Rocha como juiz de Correntina foi breve, não durando nem a metade do tempo previsto (4 anos) para a função assumida. Demitindo-se do cargo em março de 1894, deixa Correntina e parte rumo a Jequié, então distrito de Maracás.

“Em abril [1894] chega a Jequié, que escolhera definitivamente para seu domicílio, em companhia de Irene. Aluga uma casa na Rua da Vitória, que passaria, tempos depois a ter seu nome, como homenagem” (Cerqueira, 1995, p. 70). Estabelecido em Jequié, Lindolfo Rocha amplia suas relações pessoais e seus conhecimentos sobre a região, e passa a desempenhar um papel de destaque no desenvolvimento das questões políticas e burocráticas em favor da emancipação do povoado, conforme o noticiário publicado pelo jornal Cidade do Salvador, na edição 170 de 1897.

Junto à emancipação do novo município veio a sua consagração ao receber o título de juiz preparador de Jequié. No auge dos seus 34 anos e, após passar por um período de luto pela morte de sua mãe, Irene, em 1896, Lindolfo Rocha é aconselhado a casar-se com Áurea Augusta de Brito, vinte anos mais nova que ele. Conforme Silva (2023), o casamento de Áurea e Lindolfo fora arranjado por Nestor Ribeiro, cunhado da noiva e grande amigo do noivo, e pela família da jovem que, por sua vez, já estava sendo preparada para ser uma esposa premdada, recatada e de honra familiar, conforme a mentalidade da sociedade da época. O casamento arranjado se realizou, não tiveram filhos e permaneceram juntos até 1911, quando Lindolfo Rocha faleceu.



Embora tenha desempenhado com grande desenvoltura as suas funções políticas e sociais, os seus dias como juiz preparador não foram tão fáceis. Dentre as dificuldades encontradas, precisou enfrentar a ameaça de uma epidemia de varíola em Jequié, bem como intervir e combater o banditismo contra os trabalhadores italianos estabelecidos no município.

Em 1902, diante das demandas políticas e dos seus diferentes interesses intelectuais e profissionais, renuncia o cargo de juiz preparador e volta a se dedicar aos trabalhos de advocacia e de literatura, dentre outras atividades de interesse como a agricultura. Ainda, passa a colaborar com outro importante periódico da capital baiana, o Jornal de Notícias.



Entre 1904 e 1906 transfere definitivamente sua residência para a Capital. Alugou uma casa em Mar Grande, ilha próxima à cidade de Salvador, dedicando-se a cuidar dos seus manuscritos já finalizados e dos que ainda estavam em processo de produção. Infelizmente, ali, adquiriu uma forte infecção intestinal, a qual foi se agravando com passar dos dias.

Dada a situação, sua esposa Áurea Brito buscou ajuda na capital, internando o marido na casa do amigo e médico Joaquim Reis Magalhães, situada na Freguesia dos Mares, na Calçada do Bonfim. Não havendo melhora, outros dois médicos foram chamados na tentativa de salvá-lo. Todos os esforços foram inúteis. Lindolfo Rocha veio a óbito em 30 de dezembro de 1911, na cidade de Salvador. O seu sepultamento ocorreu no mesmo dia 30, no cemitério da Quinta dos Lázaros (Leão, 1953).



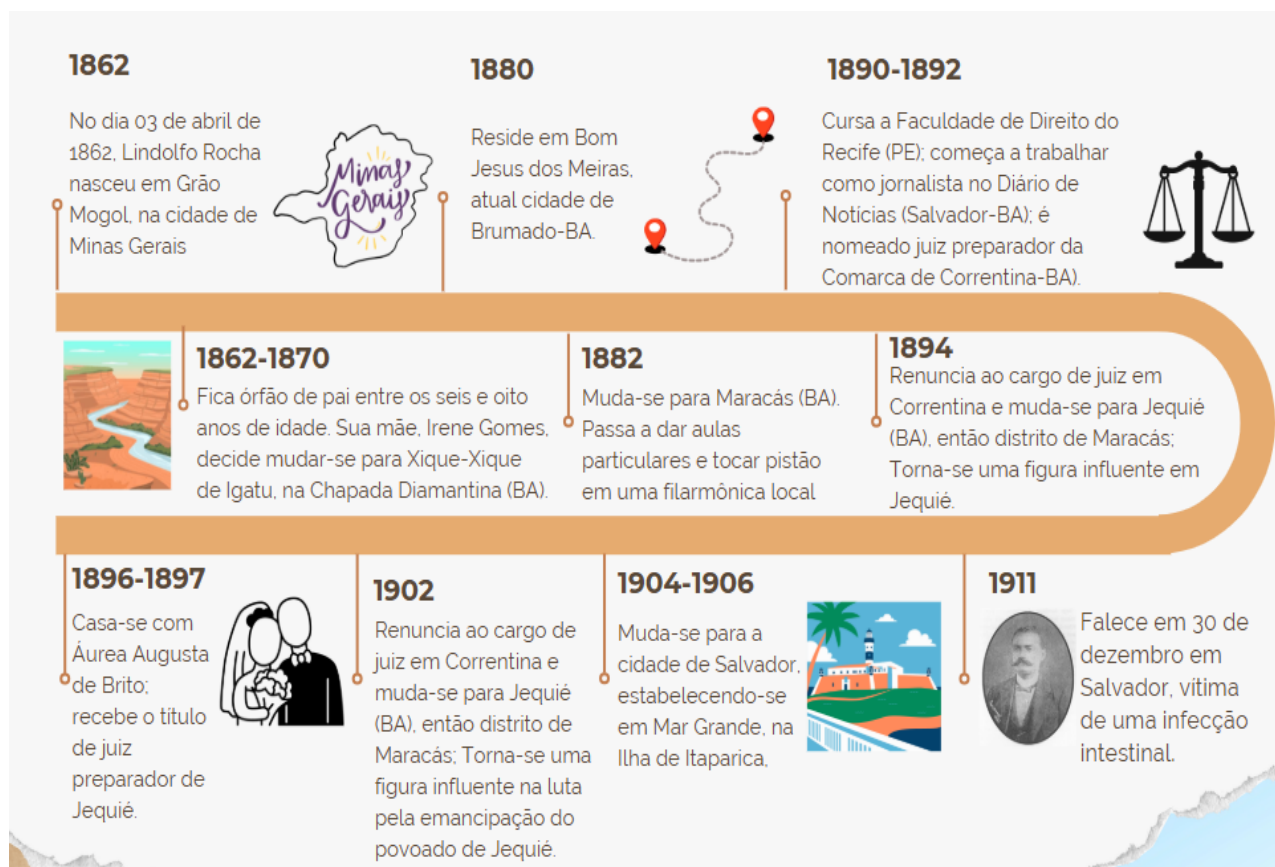
Sua morte foi lamentada e repercutida na mídia, de certa forma: “os jornais de Salvador registraram circunstancialmente a perda que a Bahia sofrera com a morte do notável escritor. [...] Um mês depois daquela triste madrugada, ninguém mais falou no nome devorado pela morte. A vida continuou” (Bruzzi, 1953, p. 194).

Lindolfo Rocha é um autor fundamental para compreender aspectos importantes da literatura brasileira. Para conhecer mais sobre sua trajetória e suas obras, em especial o romance *Maria Dusá*, acesse a **plataforma digital Maria Dusá na escola**. Acesse: <https://mariadusa.com/>



Linha do Tempo

A trajetória de Lindolfo Rocha



Acesse a linha do tempo interativa, sobre a vida de Lindolfo Rocha.

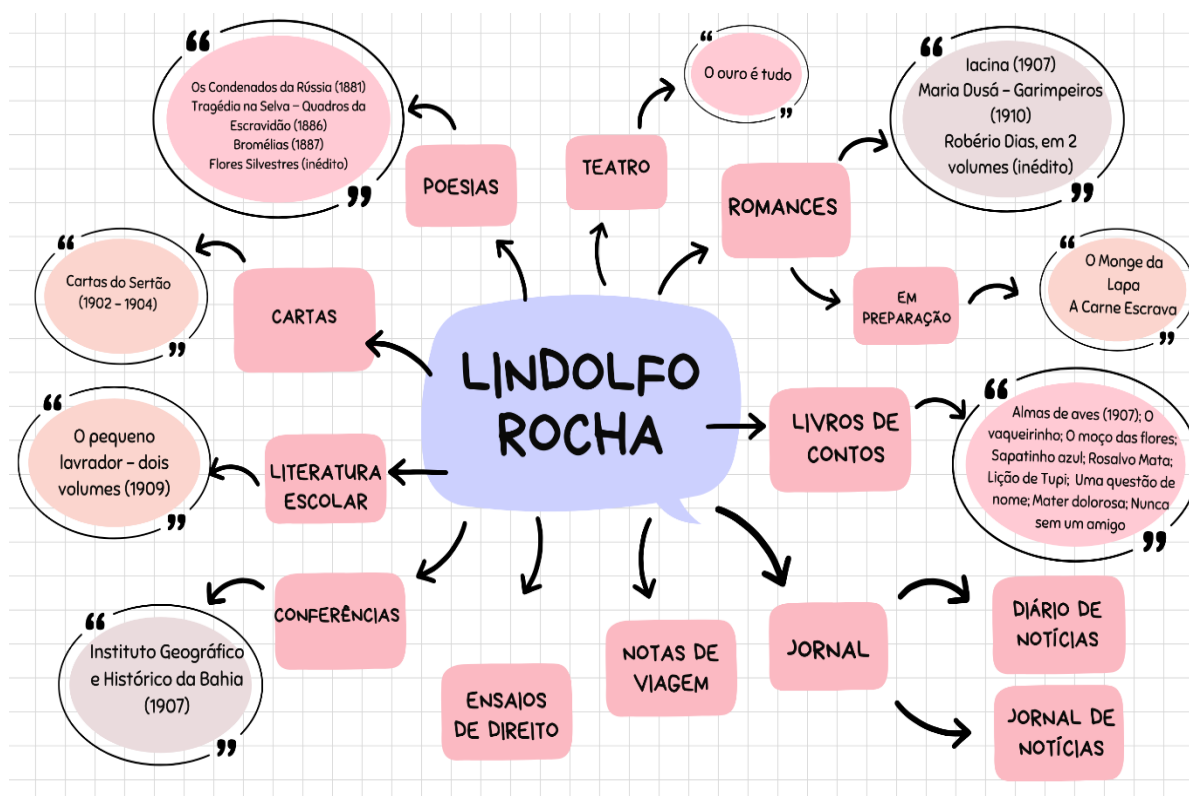
Dica: Ao acessar a linha do tempo interativa, passe o mouse sobre as imagens e clique para ampliá-las ou acessar informações adicionais.



<https://view.genially.com/679180aef96fa8028f5f71ce/interactive-content-lindolfo-rocha>

Mapa Mental

Produção ficcional de Lindolfo Rocha



Acesse a versão virtual do mapa mental sobre a produção ficcional de Lindolfo Rocha.



<https://mariadusa.com/mapa-mental>

Romance: um gênero narrativo

Na literatura, existem diferentes formas de textos que utilizamos para nos comunicar. Esses textos são chamados de gêneros textuais. Dentre eles, um dos mais antigos e populares é o gênero narrativo, cujo principal objetivo é contar histórias.

Dentro do gênero narrativo, o romance é a forma literária que se destaca por apresentar uma história longa e completa, com narrador definido, personagens complexas, tempo e espaço detalhados, enredo bem desenvolvido e temas variados.

O romance teve seu surgimento no século XVIII, substituindo, em parte, as antigas epopeias, narrativas épicas que contavam feitos heroicos ou as grandes aventuras de um herói.

Durante o século XIX, muitos romances, como *Maria Dusá*, foram publicados periodicamente em jornais, em uma seção específica destinada aos chamados folhetins. Esse tipo de publicação resultou em grande sucesso, dando origem ao que mais tarde seria conhecido como romance-folhetim. De acordo com Garcia e Ferreira (2012), nesse gênero os romances são escritos sob regras específicas, muitas vezes sob encomenda, para circularem primeiramente no jornal, antes de serem publicados como livros.

Foi por meio da publicação em folhetins que vários escritores brasileiros do século XIX deram início às suas carreiras de ficcionais. Se a publicação do romance agradasse o público, era transformado em livro, pois a sua edição exigia um alto custo. Entre os autores brasileiros que se destacaram nesse formato estão:



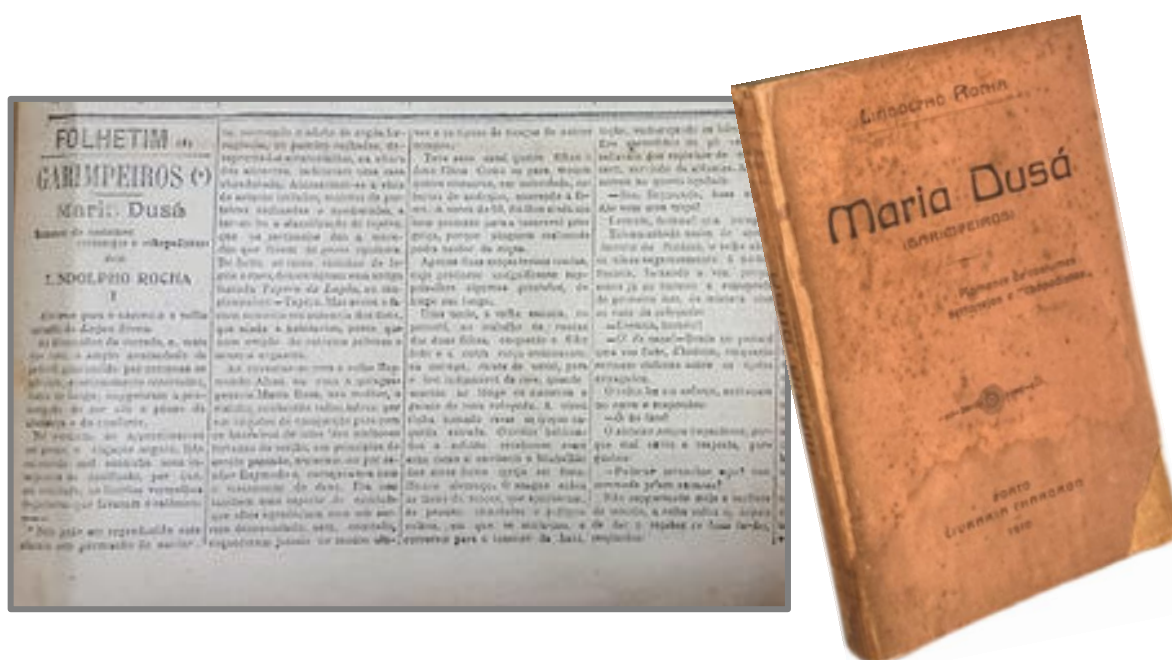
- Joaquim Manuel de Macedo, com *A moreninha* (1844), publicado no jornal do *Commercio*
- José de Alencar, com *Cinco Minutos* (1856) e *O Guarany* (1857), publicados no Diário do Rio de Janeiro
- Machado de Assis, com *A Mão e a Luva* (1874) e *Helena* (1876), publicados no jornal *O Globo*.

Em suma, pode-se dizer que a estreia de um romance em folhetim contribuía significativamente para tornar o escritor e sua obra conhecidos do público leitor, além de estimular a leitura e promover uma conscientização dos leitores de jornais sobre questões sociais e as agruras da vida cotidiana.

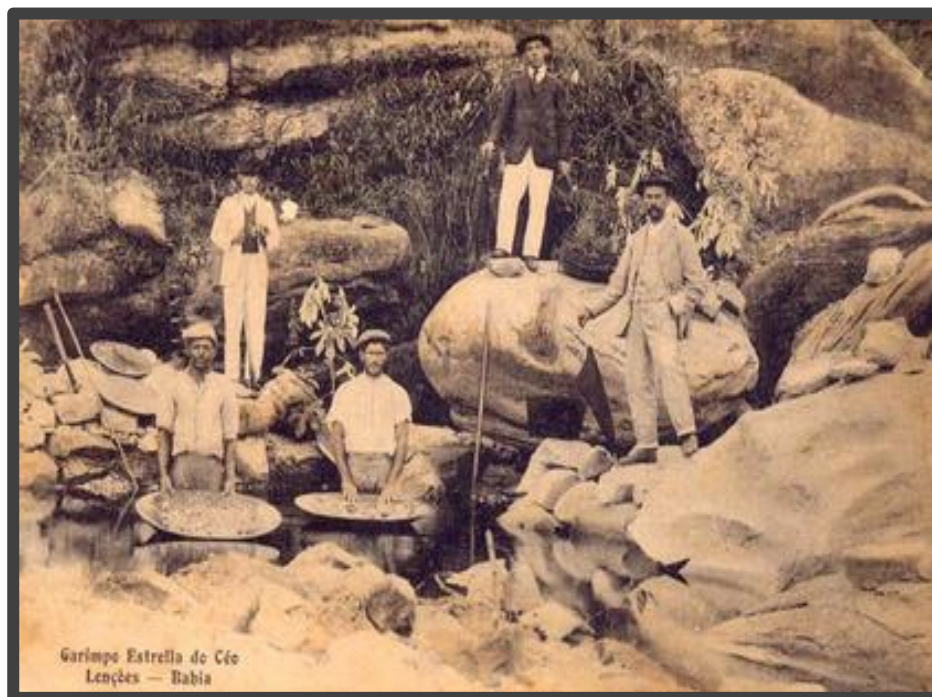


Maria Dusá: um romance chapadista

O romance *Maria Dusá*, escrito por Lindolfo Rocha, teve a sua primeira edição publicada em 1910 por Lelo & Irmão, Livraria Chardron, Porto, em Portugal. Esta edição possuía o subtítulo (*Garimpeiros*) – romance de costumes sertanejos e “chapadistas”” e constituía de 312 páginas. No entanto, o romance já havia sido publicado em folhetim, no *Jornal Diário de Notícias*, da cidade de Salvador, no ano de 1908.



Trata-se de um romance ambientado em um ciclo diamantífero do interior baiano, entrecortado pela fome, violência e miséria causadas pela seca que ficou conhecida como “fome de 60”, em 1860. Lindolfo Rocha buscou retratar nesse romance a vida nas Lavras Diamantinas (Chapada Diamantina-BA), as paisagens, tradições, costumes e linguagem.

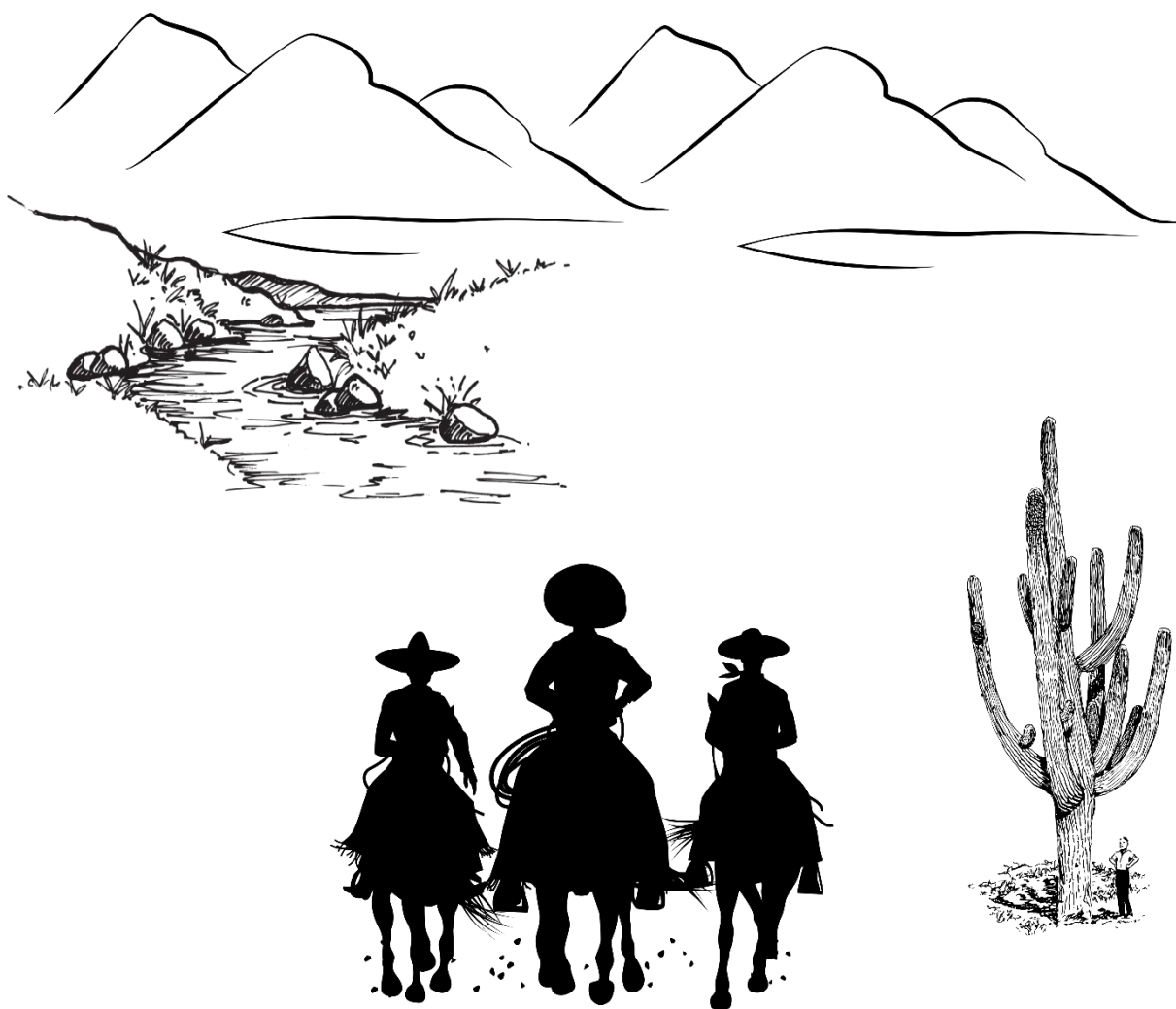


Embora seja um livro essencialmente brasileiro, durante algumas décadas após a sua primeira publicação ficou “esquecido”, como um romance pouco lido, pela falta de exemplares à venda, devido “[...] a tiragem reduzida, somando-se a isso o incêndio da Biblioteca Pública da Bahia [...]” (Cerqueira, 1995, p. 113). Além disso, é importante elucidar que a única publicação realizada pelo autor foi a primeira edição, editada pela Livraria Chardron, fato que também contribuiu para desaparecimento e circulação do romance por um extenso período.

A história de *Maria Dusá* resume-se em um doloroso triângulo amoroso envolvendo o tropeiro mineiro Ricardo Brandão, Maria Alves (Mariazinha) e a própria protagonista Maria Dusá. Ricardo, em suas andanças pelo sertão baiano em direção às lavras da Chapada Diamantina, conhece Maria Alves, mulher que “roubou” o seu coração e jamais conseguiria tirar da memória. Logo após a sua chegada à Chapada Diamantina, Ricardo conhece Maria Dusá, prostituta afamada, ostentadora de grande luxo, cuja aparência fisionômica muito semelhante com Maria Alves causou um grande emaranhado à cabeça e ao

coração do tropeiro. A partir daí a trama é marcada por muitos conflitos, encontros e desencontros que, conseqüentemente, determinam o destino dessas personagens.

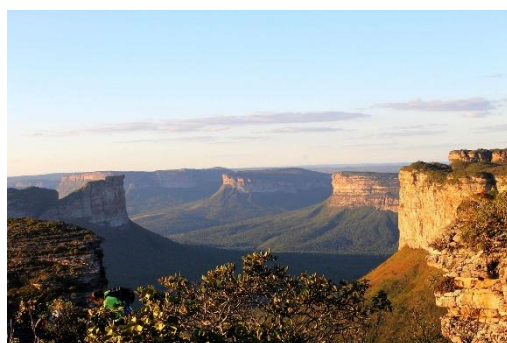
Além de Maria Dusá, Maria Alves e Ricardo Brandão, outros personagens contribuem para o desenrolar da narrativa: Raimundo Alves e Maria Rosa, pais de Maria Alves; Manuel Pingo d'Água, tropeiro e violeiro; Rita, a mucama obediente; a floricultura Dona Rosária; o português Moitinho; o judeu Bensabath; Maravia, o negro rezador; Aristo Alfaiate; o garimpeiro Antônio Roxo; José Calisto, o inspetor; o negociante João Felipe de Souza; o cão perdigueiro, fiel escudeiro de Ricardo Brandão.



A trama narrada ocorre em pleno coração da Chapada Diamantina, na maior parte no município de Andaraí, sobretudo nos povoados de Xique-Xique (hoje Igatu) e Passagem, e no município de Mucugê. A cidade de Andaraí está situada a 14 quilômetros de Igatu e a 33 quilometro de Mucugê. O povoado de Igatu localiza-se entre os dois municípios, Andaraí e Mucugê.



<https://www.chapadaadventure.com.br/como-chegar/>



Maria Dusá: da literatura para a teledramaturgia

Ao longo da história da teledramaturgia brasileira, diversos exemplares foram adaptados de grandes nomes da literatura. Em alguns casos, a referência é direta e explícita, até no título da obra, mas em outras situações não há uma fidelidade à obra que serviu de inspiração. Por isso, é importante salientar que uma adaptação literária para o audiovisual pode torna-se um ponto de partida para que um maior número de telespectadores possa se interessar [ou não] pela leitura do livro.

Diversos títulos de grande renome da literatura foram adaptados para a teledramaturgia, em especial pela emissora Rede Globo. Embora não tenha surgido com grande repercussão na literatura durante algum tempo, o romance *Maria Dusá*, do escritor mineiro Lindolfo Rocha, não passou despercebido pela dramaturgia brasileira. De autoria de Manoel Carlos e direção de Herval Rossano, a telenovela *Maria, Maria*, foi inspirada no romance *Maria Dusá*, cujo enredo foi o mesmo, porém adaptado. Exibida pela Rede Globo em 1978, no período de 30 de janeiro a 23 de junho, a telenovela foi exibida em 119 capítulos, no horário das 18 horas.



Na adaptação, a trama principal que envolve as irmãs Maria Alves e Maria Dusá teve como intérprete a atriz Nívea Maria, fazendo os dois papéis, e o ator Cláudio Cavalcanti interpretando o tropeiro Ricardo Brandão. Anteriormente, ambos os atores já haviam participado de inúmeras telenovelas de sucesso da Rede Globo.





Ambientada no século XIX, em uma região de garimpo de diamantes na Bahia, em 1860, a produção da telenovela *Maria Maria* precisou fazer algumas investidas. De acordo com o site Memória Globo (2021), para a produção da telenovela foi necessário um extenso trabalho de pesquisa histórica, que ficou a cargo da atriz e roteirista Ana Maria Magalhães. A fim de uma ambientação o mais verossímil possível, ela fez um levantamento detalhado de costumes, vida social, vestimentas e religiosidade na região do garimpo nordestino no século XIX.

Maria, Maria foi a 14ª telenovela exibida na faixa das 18 horas da Rede Globo, e foi a primeira telenovela do dramaturgo Manoel Carlos para a televisão. Ao Memória Globo (2021), Manoel Carlos contou como surgiu a proposta de adaptação do romance *Maria Dusá* para a telenovela. Ele relata que a ideia surgiu do escritor Fernando Sabino, que um dia encontrou o Mauro Borja Lopes, o então diretor artístico da Central Globo de Produções, e disse que tinha um romance do século XIX chamado *Maria Dusá*, do Lindolfo Rocha, e que achava que daria uma boa novela das seis. Assim, diante do interesse e preocupação que a Globo, na época, tinha em adaptar os romances brasileiros, Borja deu a ideia para Manoel Carlos.

À *Revista Amiga* (edição nº 403 de 1978), Manoel Carlos revelou que se interessou pelo romance *Maria Dusá* para a adaptação da telenovela porque considera Lindolfo Rocha um dos mais vigorosos e injustiçados escritores.

Nesse sentido, a adaptação literária para a teledramaturgia foi importantíssima para a trajetória do romance *Maria Dusá*, corroborando para uma maior visibilidade para a fonte primária e para o seu criador Lindolfo Rocha, o qual ainda não havia repercutido de forma extensiva desde o início do século. Portanto, acredita-se que a partir disso novos interesses foram surgindo, como a leitura do livro e o estudo sobre o escritor, os quais também contribuíram para o relançamento de outras edições do romance.



Filologia em cena

A Filologia é uma ciência antiga que, em seu surgimento, tinha como principal objetivo preservar e reconstituir a forma mais original possível dos documentos históricos, culturais ou sagrados. Para isso, o filólogo corrigia e eliminava os possíveis erros que podiam surgir durante a transmissão dos textos ao longo do tempo.



Com o passar dos séculos, a Filologia passou a voltar-se para novos interesses na investigação do texto, ampliando o seu foco para uma prática democrática. Atualmente, valoriza e se interessa não apenas pelos textos canônicos, mas também por todos os textos ordinários, os do cotidiano, os renegados, ligados a sujeitos e a práticas diversas.

Dessa maneira, podemos dizer que o trabalho do filólogo é o de investigar, analisar, interpretar, organizar e editar um texto. Nesse processo, ele atua como um curador textual, pois, ao editar um texto, toma decisões e faz escolhas, assumindo o papel de autor e de editor, tornando-se, também, coautor do texto.



A edição de um texto consiste em organizar e preparar uma versão adequada às necessidades e objetivos de um determinado estudo. O filólogo pode realizar esse trabalho com base em diferentes tipos de edição, conforme o interesse da investigação:

Edição fac-similada: reprodução fiel da imagem original de um texto manuscrito, impresso ou esculpido, por meios fotográficos, xerográficos, digitalizados ou outras possibilidades tecnológicas.

Edição diplomática: transcrição conservadora rigorosa do texto original, conservando os sinais abreviativos, sinais de pontuação e separação dos vocábulos. Neste tipo de edição, faz-se uma intervenção de grau mínimo de mediação, a fim de mostrar como o texto foi escrito originalmente.

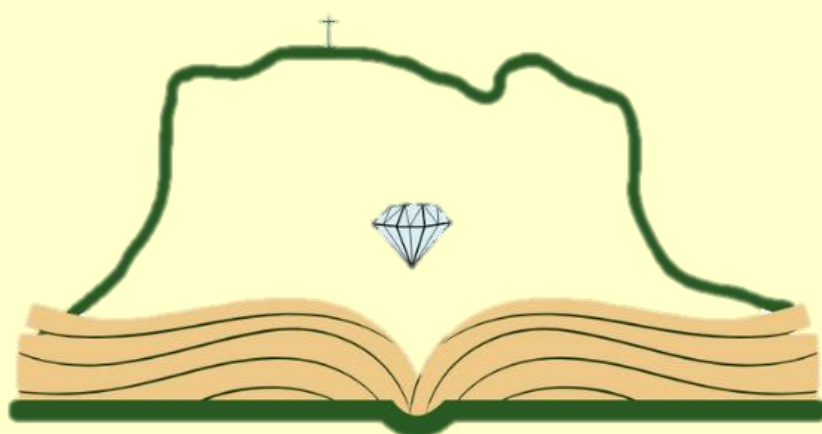
Edição crítica: busca estabelecer o texto da forma mais próxima possível daquela que o autor teria escrito originalmente. Para isso, realiza-se um processo de análise comparativa entre outras versões existentes. Todas as etapas desse processo devem ser justificadas e explicadas, e quaisquer intervenções do editor devem ser registradas em notas.

Edição interpretativa: apresenta o maior grau de intervenção. O editor transcreve o texto, corrige erros, atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral. Essa edição é destinada principalmente a um público de não-especialistas e visa ampliar a compreensão do texto, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.





O Romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha



O Romance *Maria Dusá* de Lindolfo Rocha

I

Abria-se para o nascente o velho casarão da **Lagoa Seca**¹.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo avarandado de **peitoril**², guarnecido por centenas de **tabiques**³, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.



No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o **caimento**⁴, corroendo o adobe de **argila**⁵ ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abandonada. Acrescente-se a vista de estacas isoladas, moirões de porteiros inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de **tapera**⁶ que os sertanejos dão a moradas que foram de gente **opulenta**⁷. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam essa antiga fazenda *Tapera da Lagoa*, ou simplesmente: — *Tapera*. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que ainda a habitavam, posto que em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raymundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, os vizinhos, conhecidos velhos, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do sertão em princípios do século passado, tratavam-

¹*Lagoa Seca*: localizado no município de Iraquara, na Chapada Diamantina, na Bahia, o povoado de Lagoa Seca pode ter servido de inspiração para alguns dos cenários de Lindolfo Rocha. Embora o autor não mencione diretamente esse local em suas obras, é possível que ele tenha conhecido a região durante suas andanças pela Chapada Diamantina, incorporando-a, de forma indireta, em seus enredos.

² *Avarandado de Peitoril*: varanda de casa que apresenta estruturas horizontais, geralmente em janelas ou paredes, onde é possível se debruçar ou apoiar objetos. Na região Chapada Diamantina - BA, é comum encontrar peitoris na arquitetura das casas antigas, marcando a estética e a funcionalidade das construções da região.

³ *Tabiques*: divisórias de pequena espessura, geralmente de madeira.

⁴ *Caimento*: aplicação de cal, geralmente cal hidratada ou cal virgem, em paredes ou em outras superfícies. Esse processo é de baixo custo e serve para proteger as construções do tempo e aumentar a sua durabilidade, além de melhorar a aparência.

⁵ *Adobe de argila*: é um tipo de tijolo feito a partir da mistura de argila, areia e água, moldado em blocos e seco ao sol. Era utilizado principalmente na construção de paredes em áreas rurais, por ser econômico, possuir boa isolamento térmica e acústica, e ser ideal para climas quentes e secos.

⁶ *Tapera*: residência ou fazenda em ruínas, em estado de abandono.

⁷ *Gente opulenta*: no contexto apresentado, refere-se a pessoas que, no passado, possuíam riquezas, bens ou uma posição de destaque na sociedade, mas que, com o tempo, perderam sua fortuna, prestígio ou influência.

no por *senhor* Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de *dona*. Era isso também uma espécie de caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os modos altivos e os *tiques* de ricos de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A **seca de 59**⁸, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças.

Apenas duas moças faziam rendas⁹, cujo produto insignificante supria-lhes algumas precisões, de longe em longe.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto o filho João e a outra moça arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o **bró**¹⁰ indigerível da ceia, quando soaram ao longe os **cincerros**¹¹ e **guizas de uma cabeçada**^{12 13}. A seca tinha tornado raras as tropas naquela estrada. Ouvidos habituados à solidão receberam esses sons como se escutassem o bimbalar dos sinos duma igreja em festa. Houve alvoroço. O sangue subiu às faces das moças, que apanharam, às pressas, almofadas e pelegos velhos, em que se sentavam, e correram para o interior da habitação, embaraçando os bilros, cujos fios, encardidos de pó vermelho, saltavam dos pés de mandacaru, servindo de alfinetes. A velha correu ao quarto açodada:

— Seu Raymundo,
boas-novas! Aí vem uma
tropa!

— Levanta, homem!
Cria coragem!



⁸*Seca de 59*: foi um evento climático ocorrido em 1859, que afetou principalmente o sertão baiano, com escassez prolongada de chuvas. Isso resultou em falta de água, alimentos, morte de gado e um grande aumento dos preços dos produtos, tornando ainda mais difícil a vida da população local. (https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2_as_secas_na_bahia_do_seculo_xix._sociedade_e_politica.pdf.)

⁹*Rendas*: trabalhos manuais feitos com fios finos, usando agulhas ou bilros, para criar tecidos e ornamentos delicados. Essa tradição artesanal, antiga e valorizada no Brasil rural, é também fonte de renda complementar para muitas famílias. Na Chapada Diamantina, esse artesanato ainda é praticado e preservado em algumas comunidades.

¹⁰*Bró*: comida simples e de baixo valor nutritivo, geralmente preparada com tubérculos do umbuzeiro, do coqueiro ou de outros vegetais.

¹¹*Cincerros e guizas*: são instrumentos em forma de chocalho ou sino, usados para ajudar a guiar e reunir a tropa durante o deslocamento. O cincerro é geralmente pendurado no pescoço de animais maiores, como bois e vacas, e produz um som forte e grave. Já as guizas são menores e costumam ser usadas como enfeites nos arreios de cavalos, produzindo um som mais leve e agudo.

¹²*Cabeçada*: expressão do contexto sertanejo e tropeiro para se referir a um grupo de gado, especialmente bois ou vacas, que se deslocam juntos. O termo vem de "cabeça", no sentido de cabeça de gado, e, por extensão, "uma cabeçada" seria um conjunto de cabeças de gado, ou seja, uma boiada.

¹³Neste início de romance já nos é possível observar o uso frequente que o narrador faz dos chamados *termos regionais*. São palavras que nos remetem a uma região determinada, onde seu uso é comum. Juntamente com essa referência à região, temos geralmente indicações de um modo de vida, de comportamentos e atividades características dessa região, em um período de tempo determinado. (N. E.). (Série Bom Livro, 1978, p.11).

Estremunhado, assim, do sono doentio de faminto, o velho abriu os olhos vagarosamente. A mulher insistia baixando a voz, porque soava já no terreiro a estropiada do primeiro **lote**¹⁴, de mistura com os sons da *cabeçada*:

— Levanta, homem!

— Ó *de casa*! – Brada no peitoril uma voz forte, de homem, enquanto retiniam chinelas sobre os tijolos estragados.

O velho fez um esforço, sentou-se no **catre**¹⁵ e respondeu:

— Ó de fora!

O arrieiro estava impaciente, porque mal ouviu a resposta perguntou:

— Pode-se arranchar aqui? tem *cômodo* pra os animais?

Não suportando mais a moleza do marido, a velha saiu e, depois de dar e receber *as boas tardes*, respondeu:

— Arranchar, pode; *cômodo, só campo fora*¹⁶.

O arrieiro, um rapagão moreno, de uns vinte e cinco anos, fez um – *Assim!* – gemido e acompanhado de um gesto de contrariedade, e, voltando-se para os camaradas, gritou em voz de comando, enquanto desatava as esporas:

— *Derruba!*

E, obedecendo ao seu próprio mando, saltou do peitoril, já sem chinelas, levantando burros deitados, desarrochando-os rapidamente e atirando os **couros**¹⁷ no terreiro sujo de estravo.

Chegaram os dois lotes restantes.

Era a hora do trabalho árduo do tropeiro, principalmente quando a tropa está *puxada* ou *batida*, isto é, magra, fatigada de longas jornadas. Hora de aperto em que o tropeiro, prático no ofício, não distrai a atenção para coisa alguma, porque, à tarde, o animal, carregado, pode caminhar mais uma hora; porém, parando no pouso, suporta, de pé, um minuto.



¹⁴ *Lote*: o termo se refere a cada grupo de animais que, juntamente a um condutor, transportam cargas.

¹⁵ *Catre*: tipo de cama rústica e simples, geralmente feita de madeira ou metal, comum em séculos passados, especialmente em áreas rurais ou acomodações modestas.

¹⁶ *Campo fora*: espaço ao ar livre, em meio ao campo.

¹⁷ *Couro*: Ao longo da narrativa, o termo "couro" é frequentemente utilizado. Em algumas passagens, ele se refere a peças de couro usadas para confeccionar arreios, cangalhas e outros equipamentos utilizados no manejo de animais. Em outras situações, o termo se refere ao "couro cru", ou seja, à pele de animal ainda não tratada, que é geralmente mais difícil de manusear e transportar devido à sua consistência e peso.

Assim, toda a demora é nociva, não só porque o burro de tropa facilmente adquire a *manha* de deitar-se, (e, nesse caso, é preciso levantá-lo, pois se lhe tirarem uma vez a carga, deitado, apanha também esse sestro), como porque, no levantar-se, pode **sonsar ou espaduar-se**¹⁸ e o prejuízo é ainda maior.

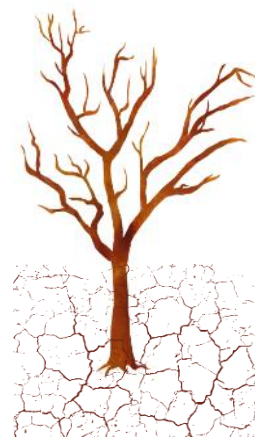
Por isso, conhecedor e prático da vida de tropeiro, o velho Raymundo, parando no peitoril, assistia, impassível, ao serviço bem feito, e esperava, com paciência, que o terminassem, para saudar e receber as saudações do costume, entre sertanejos, enquanto, pelas frestas das portas e das janelas, olhares tristes e cobiçosos miravam os **surrões**¹⁹ de sal e **bruacas lustrosas de unto**²⁰. E não só o olhar, mas especialmente o olfato se deliciava com cheiro característico de uma **carregação**²¹ de carne ou toucinho. Como toda a sua gente, o velho deglutia em seco.



Amainada a **lufa-lufa**²², com a **arrumação**²³ das cargas, em fileiras para cada lote, aproximou-se do peitoril o que figurava de capataz ou arrieiro, e, após a saudação, reinquiriu:

— Se não havia alguma roça a alugar, para que a tropa não ficasse **campo fora**.²⁴

O velho retribuiu a saudação e respondeu desculpando-se com a sua extrema pobreza e a seca, pior que a de 19²⁵. E por esse tom prolongou-se a conversação, no correr da qual o capataz declarou-se mineiro, de nome Ricardo Valeriano Brandão, e dono da tropa, inteirando-se ao mesmo tempo de *quem foi* e a que estado se reduzira o velho Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares.



¹⁸ *Sonsar ou espaduar-se*: no contexto apresentado, os termos pertencem à linguagem regional e popular, referindo-se ao comportamento do animal após se deitar. "Sonsar" indica o ato de fingir fraqueza ou cansaço, simulando dificuldade para se levantar. Já "espaduar-se" descreve o risco de o animal tombar de forma brusca ao tentar se erguer, podendo deslocar o ombro ou a região escapular.

¹⁹ *Surrões*: sacos de couro usados pelos tropeiros para guardar e transportar comidas e objetos.

²⁰ *Bruacas lustrosas de unto*: bruacas são malas de couro cru, utilizadas sobre as selas dos animais de carga, especialmente para o transporte de mantimentos como o toucinho de porco. Por serem usadas para carregar esse tipo de alimento gorduroso, ficavam brilhantes pela gordura acumulada.

²¹ *Carregação*: ato de carregar grande quantidade de mercadoria; carga.

²² *Amainada a lufa-lufa*: a expressão combina o verbo "amainar", que significa acalmar ou reduzir a intensidade, com o termo "lufa-lufa", usado para descrever agitação, correria ou movimento incessante. Assim, ao dizer "amainada a lufa-lufa", o narrador indica que a correria cessou e a agitação deu lugar à calma.

²³ *Arrumação*: no contexto rural e regional, esse termo pode ter dois sentidos. Pode se referir ao ato de organizar objetos ou espaços, mas também é usado para indicar os preparativos para uma viagem ou um acampamento temporário, especialmente durante atividades de tropeiros.

²⁴ Observe que apesar do uso de dois pontos, parágrafo e travessão, sequência de elementos da escrita indicadora de um discurso direto, a forma que se segue é do tipo indireto, isto é, pertence à fala do narrador. Essa transgressão de norma da escrita, sem consequências significativas, vai ser repetida durante todo o romance. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.13).

²⁵ *Seca de 19*: no trecho apresentado, a seca de 1819 se refere a um período de estiagem que atingiu o Nordeste brasileiro, incluindo a Bahia. Embora tenha causado sofrimento e prejuízos à população, seus impactos e duração foram menores em comparação com a Grande Seca de 1877-1879, considerada a mais devastadora da história nordestina.



Quanto aos camaradas, continuavam na **faina**²⁶ de tirar **cangalhas**²⁷ e raspar, enquanto o *cuca* desempenhava suas funções culinárias, tendo começado por encher e pendurar a **borracha**²⁸.

Ao lusco-fusco, depois de beber a água minguada e **lutulenta**²⁹ da próxima lagoa, seguiu para a arrumação a tropa, guiada pelo andrajoso filho do Raimundo, o qual, por esse serviço, fazia *jus* aos **rojões do cuca**³⁰.

O mineiro tinha armado a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda, por causa do calor.

Foi uma noite de fartura e de folgança para a ditosa família Alves. Além de partilharem todos da gorda ceia de arroz com carne (o antigo *locro*, que os **almocreves**³¹ espanhóis e portugueses aprenderam dos árabes), e mais do legítimo café mineiro, ouviram, até alta noite, um dos mais famosos improvisadores de trovas, desses tempos, a que chamavam Manuel *Pingo d'Água*: tropeiro de ofício, valente por índole, e tocador de viola *por arte*.



²⁶ *Faina*: termo relacionado ao trabalho árduo e demorado, realizado pelos tropeiros durante suas jornadas.

²⁷ *Cangalha*: armação de madeira, normalmente acolchoada, que se coloca no lombo dos animais para pendurar e transportar carga de ambos os lados.

²⁸ *Borracha*: recipiente feito de couro rústico, com bocal estreito, usado por tropeiros e garimpeiros para conservar e transportar líquidos, como água ou cachaça.

²⁹ *Lutulenta*: que tem lodo; lamacenta.

³⁰ *Rojões do cuca*: torresmo do cozinheiro. (Série Bom Livro, 1978, p.13).

³¹ *Almocreves*: pessoas que conduziam animais de carga e/ou mercadorias de um lugar para outro.

II

Sol alto, a tropa *milhada*³² e *engangalhada*³³, esperava a hora de *arribar*³⁴. Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o *ruão*³⁵, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raymundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco *mala-reis*³⁶ não vai um *celamim*³⁷ para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de *Baixo*, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um *fiapo* de *capim manso*³⁸. Onde tem, nalgum ponto, é *amargoso*, *capim brabo e fraco*³⁹. Desde que saí da Serra Nova, quase não descansi. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para *Maracá*⁴⁰. Aí *tampeí*⁴¹ a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucugê, sal e toucinho *estão bons*. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der um celamim por *meio cobre*⁴², pois nem assim podemos comprar. Faz dois meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!



³² *Milhada*: termo regional da linguagem tropeira que designa a tropa organizada em fila, com os animais dispostos em suas posições habituais, pronta para partir.

³³ *Engangalhada*: termo popular do sertão baiano. Diz-se da tropa já carregada, com cangalhas e bruacas presas aos animais de carga.

³⁴ *Arribar*: significa partir, seguir viagem ou levantar acampamento. É uma expressão regional usada em áreas rurais do Nordeste brasileiro e do sertão baiano, com presença marcante na Chapada Diamantina e em outras regiões por onde circulavam tropeiros e viajantes.

³⁵ *Ruão*: cavalo que possui uma pelagem composta por pelos brancos e levemente acastanhados ou pelos brancos com manchas escuras e arredondadas.

³⁶ *Mala-reis*: forma popular e regional de dizer mil-réis, antiga unidade monetária usada no Brasil até o ano de 1942. Um “mala-reis” correspondia a mil réis (1\$000). Expressões como “por menos de cinco mala-reis” eram usadas para indicar quantias muito pequenas, quase simbólicas, consideradas de pouco valor à época.

³⁷ *Celamim*: antiga medida de capacidade para secos e equivalente à 16.^a parte da unidade de medida agrária (alqueire), ou 2,27 litros.

³⁸ *Fiapo de capim manso*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever uma estrada estreita, quase imperceptível. A comparação com um fiapo sugere algo fino e difícil de enxergar. Já o termo “capim manso” refere-se a um tipo de capim geralmente rasteiro, delicado, fácil de manejar e que pode servir de alimento para o gado.

³⁹ *Amargoso, capim brabo e fraco*: expressões que indicam vegetação de baixa qualidade para o pasto. Referem-se a plantas daninhas, capins que nascem espontaneamente, de difícil manejo e com baixo valor nutritivo, sendo insuficientes para a pastagem.

⁴⁰ *Maracá*: na região da Chapada Diamantina, na Bahia, existe o município de Maracás, que integrava as antigas rotas de tropeiros e garimpeiros durante o ciclo do ouro e dos diamantes.

⁴¹ *Tampeí*: no contexto sertanejo e dos tropeiros, tampei é o verbo tampar no pretérito, que significa fechar, cobrir, proteger ou guardar algo, especialmente relacionado à carga transportada, como no caso da tropa de sal.

⁴² *Meio cobre*: expressão popular utilizada para se referir a uma quantia extremamente pequena de dinheiro. A palavra “cobre” refere-se às antigas moedas de cobre, metal associado às moedas de menor valor, especialmente nos séculos passados.

— Na verdade! comentou o mineiro, sorvendo após uma fumaça do pito de *Baependi*⁴³; para quem já teve, dói muito!

— E todo o mundo destas beiradas! Acrescentou o velho, pondo a prumo a cabeça, que se assemelhava à de um esqueleto.

— E por que não vão para as Lavras? Inquiriu o mineiro; lá está tudo caro, mas ainda não se come raiz de pau.

— Que é da força pra caminhar, meu senhor?! Atalhou a velha; e ainda para sustentar uma porção de gente que só tem pele e osso?! Sua mercê quer ver?

E a mulher, com cara de fúria, gritou em voz esganiçada:

— Ó João, chama tuas irmãs!

Apareceu um rapazinho de uns 14 anos, coberto de trapos que foram camisa e calções, muito sujos, predominando a cor vermelha da terra que habitava.

— Chama tuas irmãs! repetiu a mulher que armava assim uma cena de efeito para obter alguma esmola.

Em alguns momentos surdiu à porta da varanda um grupo de três moças, parecendo ter 15 anos a mais nova.

E essa mãe, a quem a fome tirara certamente todo o amor maternal e todo o pudor feminino, se é que em tempo algum o teve realmente, levantava, sacrilegamente, os trapos que cobriam os ombros e seios e essas pobres criaturas, para que o mineiro, certificando-se de sua miséria, pela magreza extrema de suas filhas, se compadecesse ao mesmo tempo. Ao aproximar-se, porém, da mais velha, que poderia contar 18 anos, esta recuou um passo. Apesar da fome, corava e reagia.

— Ó *xente*, Maria!! que é que tem o homem ver tua magreza?!

Duas lágrimas brotaram dos olhos da moça que sentou-se no pavimento, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Menina tola! Quem tem vergonha morre de fome!



⁴³ *Pito de Baependi*: refere-se a cigarro artesanal, geralmente feitos com fumo de rolo ou tabaco natural, associado à cidade de Baependi, em Minas Gerais.

No terreiro, ao longe, *Pingo d'Água* começou a cantar em *dueto* com um companheiro, enquanto *descansavam* o almoço.

— Deixe a moça, *Dona*, disse o mineiro penalizado.

— Levanta a cabeça, Maria! Insistia a velha, com o olhar chispendo de ódio e, fingindo um sorriso, acrescentou, como gracejando: — Ele quer te levar; tu queres ir?

E, ao mesmo tempo, fingindo uma ameaça que, entretanto, exprimia sua verdadeira intenção, afirmou:

— Se ele desse um celamim de sal, bem que eu te dava para cozinhar na casa dele.

— É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo.

O mineiro, de cabeça baixa, pitava, em silêncio, meditando sem dúvida nas aberrações possíveis da natureza humana, e no que, a esse respeito, tinha visto, desde criança, em suas viagens.

Ao levantar a cabeça, deu com o olhar na moça. Notou, então, que, apesar da magreza, Maria conservava uns tons de beleza, apenas esmaecidos pela fome. Os olhos negros e grandes pareciam, nesse momento, refletir um braseiro; o rosto moreno, emoldurando-se pelos cabelos lisos e corredios que se desgrenhavam nos ombros, patenteava longo martírio. Não inspirava sensualidade, porém amor e compaixão.

— Pronto, patrão! Disse um dos camaradas.

— Carrega! Ordenou Ricardo, em voz pausada, voltando-se para o camarada.

— E sua mercê tinha coragem de dar um celamim de sal pela Maria? interrogou o velho Raymundo, em tom de desenxabida **chocarreirice**⁴⁴.

— Até mais, se não fosse pecado e crime comprar gente forra, respondeu o mineiro, supondo que o velho gracejava:

— Estou falando sério, asseverou o velho; sua mercê não sabe o que é comer palmito sem sal, por necessidade.

— Compro, disse o mineiro, tornando-se vermelho.

— Está dito, bradou a velha, apanhando num torno da varanda uma **cuia**⁴⁵ grande, em que devia receber o preço de sua filha mais velha; aqui está esta cuia que é um celamim certinho.



⁴⁴ *Desenxabida chocarreirice*: expressão utilizada para descrever um tom de fala irônico ou zombeteiro, porém sem graça. No contexto apresentado, o velho Raymundo adota esse tom ao se referir à própria filha, Maria, revelando uma atitude machista, desrespeitosa e carregada de desprezo, com a clara intenção de diminuí-la e desvalorizá-la.

⁴⁵ *Cuia*: também chamada de cabaça ou coité, é o fruto da árvore conhecida como cabaceira ou cuieira, cujo nome científico é *Crescentia cujete*. Seu fruto possui uma casca dura e arredondada, ideal para ser esvaziado, seco e utilizado como recipiente. No nordeste brasileiro, a “cuia” é comumente utilizada como medida caseira em contextos rurais.

O mineiro gritou ao *cuca* e mandou trazer um celamim de sal, um **lanho**⁴⁶ de toucinho e um pedaço de carne.

Marido e mulher não sabiam de que modo exprimiriam seu contentamento e gratidão. O mineiro é que não contava com semelhante gratidão. Num **açodamento**⁴⁷ indescritível, a velha foi suspender ao fumeiro o saquinho de sal, a carne e o toucinho, cujo cheiro só, lhe causava um prazer infantil.

Arrochando os últimos animais do seu lote *dianteiro*, *Pingo d'Água* cantava propositadamente:

Nesse mundão tenho visto!
Mas aqui já é *sofrê*! Aqui é que filho chora,
Filho chora e mãe não vê!

Ao atar à corda do fumeiro, a velha resmungava, respondendo ao trovista, como se pudesse ser ouvida:

— Vê, sim; **mais**⁴⁸ a fome é que tem cara de herege!

No peitoril, o Raymundo, numa espécie de delírio, esfregava as mãos de contente, e de olhos fechados, prelibava o **gozo**⁴⁹ de um pedaço de carne gorda, que, havia meses, nem ao menos lhe fora dado cheirar.

As duas irmãs de Maria tinham-se retirado, chorando.

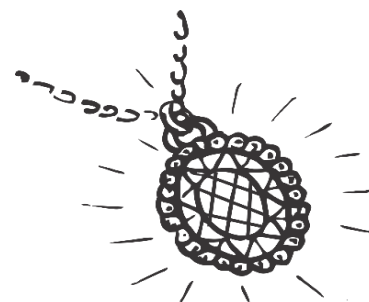
Então, dirigindo-se à *vendida*, que soluçava convulsivamente, o mineiro falou:

— Não chore, não, moça; seus pais venderam a filha, mas a filha não foi comprada: fica aí, com eles; somente lembre-se que o mineiro se chama Ricardo Brandão. Aqui está mais uma lembrança, que eu destinava a uma irmã.

E assim dizendo, tirou da escarcela uma pequena medalha de prata e a entregou com mão trêmula. A moça recebeu a lembrança e disse por entre soluços:

— Deus ajude a *vosmecê*, e lhe dê feliz viagem!

Partia o lote *dianteiro*. Depois de rasgada cortesia com o chapéu de couro, e um *até outra vista*⁵⁰, a quem



⁴⁶ *Lanho*: corte ou talho profundo. No contexto regional, refere-se a tiras compridas e finas de carne, especialmente toucinho.

⁴⁷ *Açodamento*: pressa com que se faz alguma coisa, geralmente em excesso e sem reflexão. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/a%C3%A7odamento>).

⁴⁸ O termo faz referência à conjunção adversativa “mas”, que indica oposição; no entanto, foi grafado como “mais”, advérbio que indica adição, para representar a marca de oralidade do personagem.

⁴⁹ *Prelibava o gozo*: forma verbal composta que une o verbo prelibar (provar antes, experimentar previamente) ao substantivo gozo (prazer intenso, satisfação, alegria). No contexto apresentado, Raymundo saboreava mentalmente, antecipadamente, o prazer que sentiria ao comer um pedaço de carne gorda.

⁵⁰ *Até outra vista*: expressão utilizada como forma de despedida, para indicar que espera ver ou encontrar a pessoa novamente. É semelhante a dizer “até logo” ou “até a próxima”.

estava no peitoril, *Pingo d'Água* soltou dois gritos guturais para ativar o lote, e seguiu cantando:

Guardo o mimo que me deste
Na hora da retirada:
Quem paga amor com firmeza
Não fica devendo nada!

O velho Raymundo mal voltara a si da surpresa. Nos seus tempos de miséria, não tinha visto generosidade igual. Disse, por fim, desenvolvendo a elevada estatura e acenando com os compridos braços esqueléticos:

— Pois, senhor Ricardo Brandão, aqui fica este velho, que, se não morrer, ainda pode servir pra botar seu animal no pasto, quando sua mercê passar por aqui outra vez.

Depois de uma pequena pausa, murmurou:

— É verdade! bem se diz que o mineiro tem o coração nas mãos!

Ricardo mordia a ponta do cigarro, olhando para os dois lotes que partiam. Restava o da *cozinha*, sempre mais retardatário. O velho abanava a cabeça. Ao ver assomar à porta sua mulher, disse:

— Sinhá Maria Rosa, *pois* o mineiro é bom mesmo.
— Pois não deixou ficar a Maria?
— Ué!... *pois* não leva, não? interrogou a velha sem ocultar seu desapontamento.
— Não, sinhá Maria!
— Deus é que o há de ajudar! Deus é que o há de ajudar! repetia a velha com esforço, porque sua intenção era desobrigar-se de sustentar a filha.

Partia o lote do **coice**⁵¹. Ricardo correu a vista no rancho, apertou no mento a correia do chapéu de **coiro**⁵² curtido, amarrou as esporas, despediu-se de todos, trocando com Maria um aperto de mão, e saltou no **seligote**⁵³, esporeando o ruão energicamente.



⁵¹ *Lote do coice*: emprega-se para designar a retaguarda do rancho, o último grupo do comboio. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.16).

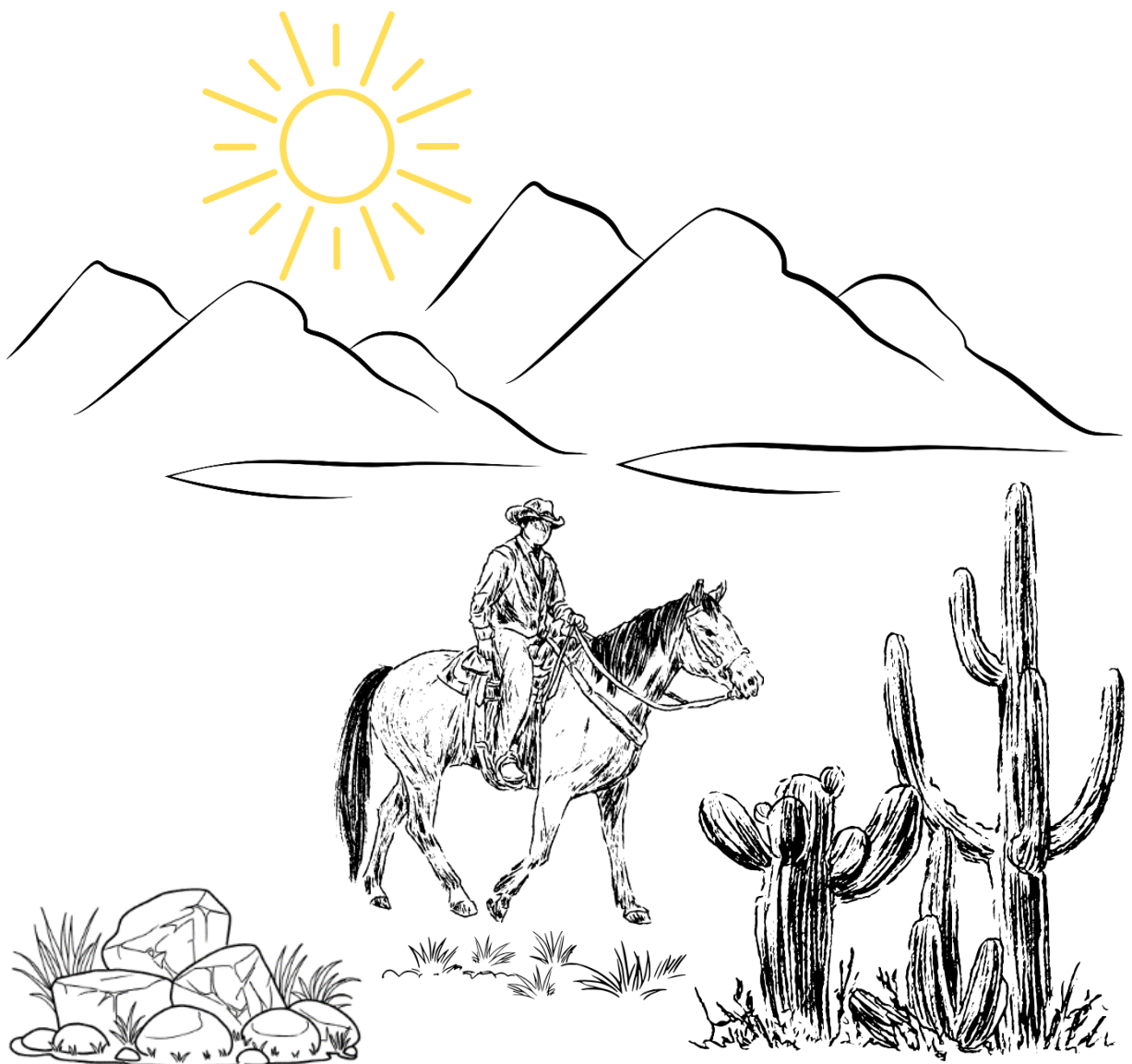
⁵² *Coiro*: termo utilizado como sinônimo de couro, refere-se à pele grossa e resistente de certos animais. Para a confecção de vestimentas e acessórios, utiliza-se o couro curtido, isto é, a pele de animais que passou por um processo químico ou físico-químico denominado curtimento, que visa tornar o material mais durável e resistente.

⁵³ *Seligote*: variação regional de *serigote*, designa um tipo de sela rústica, firmada sobre o lombo do animal, utilizada para montaria. É um termo comum em regiões sertanejas do Brasil, especialmente no contexto da vida rural e da cultura vaqueira.

Adiante, voltou-se; Maria enxugava os olhos, debruçada no peitoril. O mineiro parecia fascinado. Mais longe ouviu *Pingo d'Água* cantando:

Meu beija-flor da campina.
Que tiveste o teu condão:
Leva no bico a saudade
Ao bem do meu coração.

O sol, a essa hora, calcinava a estrada poeirenta da catinga. Os animais *turravam* e gemiam por desafogo.



III

Poucos, da atual geração de baianos, desconhecem, pelo menos de tradição, o que foi, para o povo sertanejo, o ano de 1860. De quantas secas periódicas têm devastado os sertões brasileiros, raras legaram tão horrível memória, como a geralmente conhecida por *seca de 60*, *aliás 59*, de que resultou a crise alimentícia denominada *fome de 60*.

Na crença dos adoradores de um Deus que pune e premeia, nunca se revelou mais evidente e punitivo o seu braço irado e inexorável.

Nesse ano de tristíssimas recordações a zona **ubertosa**⁵⁴ do interior da província da Bahia transformou-se em terra **sáfara**⁵⁵, imprestável; de nutriz fecunda e dadivosa, que era, mudou-se em madrastra irritadiça e ilacrimável; de liberal e opulenta, em mendicante e miseranda.

Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no *Icó*, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o **mandacaru**, a **palmatória** e o **xique-xique**⁵⁶ formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt^{57.58}

A caatinga (mato esbranquiçado) justificava de modo perfeito a denominação *tupi*, dada a essa vegetação enfezada.

Para cúmulo da penúria vegetal e animal, os incêndios multiplicavam-se nos campos e carrascos. Propósito ou descuido de caminhante ou caçador, o fogo fortalecia a ação destruidora do sol.



⁵⁴ *Zona ubertosa*: expressão usada para indicar uma região de terra fértil e produtiva, com grande capacidade para a agricultura e o cultivo de plantas.

⁵⁵ *Terra sáfara*: expressão que se refere a uma terra infértil, geralmente pedregosa, seca e deserta, com pouca ou nenhuma capacidade para o cultivo.

⁵⁶ Neste trecho, a narrativa apresenta espécies de plantas típicas do semiárido nordestino, adaptadas para armazenar água e resistir a longos períodos de estiagem. Essas espécies integram o bioma caatinga e desempenham um papel essencial na sobrevivência de pessoas e animais durante as secas prolongadas, como as que marcaram a Bahia e o sertão nordestino ao longo do século XIX.

⁵⁷ *Candelabros de Humboldt*: também conhecido como Candelabro de Paracas, recebe esse nome em homenagem ao naturalista e geógrafo Alexander von Humboldt. Trata-se de um geoglifo (desenho de grandes proporções feito no solo), com formato semelhante a um candelabro/castiçal, localizado na Península de Paracas, próxima às Ilhas Ballestas, no litoral do Peru.

⁵⁸ No trecho apresentado, observa-se um certo distanciamento do narrador em relação à região retratada, evidenciado pela mistura entre elementos típicos da caatinga com os Candelabros de Humboldt, um símbolo estranho à cultura nordestina. Essa combinação sugere um olhar externo ou uma visão exotizante, que transforma o sertão baiano em um cenário curioso e fantasioso, distante da realidade local.

No céu, nenhum sinal promissor de chuva, e já ia em meio o ano. Como sucede nos anos secos, nuvens tênues e esgarçadas passavam alto, muito alto, em diversas direções, como se evitassem baixar sobre a terra maldita.

Já não tinha encantos o alvorecer nas terras sertanejas. Um silêncio pesado substituíra a ruidosa alegria do passaredo farto, a saltitar em meio da verdura primaveril doutros tempos.

Os arrebóis vespertinos aparentavam apenas a beleza trágica de quotidianos incêndios em vastas e longínquas regiões do ocidente.

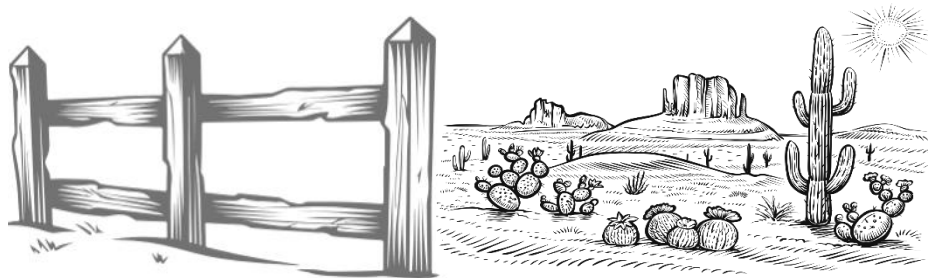
De resto, o céu em fogo dizia bem com o alvejar das ossadas dispersas pelos campos desolados.

As fazendas mais abastadas estavam quase desertas. Dificilmente se ouvia um mugido, mesmo tristonho e cavernoso. Mais de um fazendeiro rico **batera**⁵⁹ já as porteiras dos currais mal situados.

Pequenos lavradores e criadores, transformados em jornaleiros de **pataca e de doze vinténs**⁶⁰, emigravam sem destino, isto é, caminhavam à toa, por falta de trabalho e de alimento.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra **mater dolosa**⁶¹, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, **retirantes**⁶² famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de crianças, tudo isso lembrando alguma coisa daquele choro e ranger de dentes do Juízo Final.

Viajando *no coice* da **tropa**⁶³, no seu *ruão*, passo a passo, Ricardo assistia, cada vez mais desanimado, a essa espécie de lúgubre procissão da fome, a desfilar-se vagarosa pela estrada afora.



⁵⁹ *Batera*: pretérito mais-que-perfeito do verbo "bater". A expressão "bater as porteiras", especialmente no contexto sertanejo ou rural, é empregada no sentido de fechar as porteiras, encerrar as atividades, abandonar o curral ou desistir da criação.

⁶⁰ *Jornaleiros de pataca e de doze vinténs*: expressão que, no texto, se refere a trabalhadores assalariados mal remunerados.

⁶¹ *Mater dolorosa*: expressão latina que significa "mãe dolorosa". Refere-se à Virgem Maria em sua representação de sofrimento, especialmente durante a Paixão de Cristo, simbolizando a dor de uma mãe ao ver seu filho sofrer.

⁶² *Retirantes*: pessoas que abandonam a sua terra fugindo da seca e da miséria em busca de uma região que lhe dê melhores condições de vida e trabalho.

⁶³ *Coice da tropa*: expressão regional de sentido figurado que indica a ação de seguir atrás da tropa de animais, especialmente bois ou cavalos.

Tendo *arribado* do pouso do Raymundo Alves, o mineiro mandou *derrubar* no *rodeador*⁶⁴, distante três léguas, e onde ainda existia um *olho-d'água*⁶⁵, que nunca secou, porque nunca lhe fora destruída a vegetação protetora.

Junto à casa de um velho africano, *derrubaram-se* as cargas.

Feito o *rancho*, isto é, arrumadas em dupla fileira as *bruacas* e *surrões* de sal, sobrepostas as cangalhas, — peitoral para a frente, a fim de se não atrasar a viagem, — aceso o fogo e armada a trempe de três agulhas de *arrocho*⁶⁶, enfeixadas na parte superior, — os camaradas, menos o *cuca*, perguntaram ao patrão onde deviam *arrumar*.

O sol estava a cravar-se.

Ricardo Brandão dirigiu-se ao velho africano, que tecia esteiras de pindoba⁶⁷, sentado à porta, e depois de saudá-lo, indagou:

— Se não havia pasto, perto ou longe.

— *Passo qui é, sinhô?! Exclamou o preto admirado. Passo é esse qui sinhô tá veno: foia seca só. Agora, si sinhô qué qui burro come de nôte manda gente derrubá mandacaru. Munto bom; boi gosta munto.*

O mineiro riu da estultícia do conselho, e insistiu:

— Mesmo longe não haveria alguma roça velha, encapoeirada?

— *A roça qui é, ioiô? Perguntou o africano, com cara de riso. Pai Tomé veio moleque pra terra de branco, e nunca viu coisa assim. Ah! ioiô! Deus brigou com nós tudo! A roça aqui, nem longe nem perto; nem véia, nem nova. Ué!*

E continuou a trabalhar.

O mineiro decidiu-se a mandar *arrumar* num *eixo de serra*, que se via a certa distância, e para abreviar foi ajudando a *tanger*⁶⁸ os animais. A uns duzentos passos estava um homem cavando a terra.

Parou. Com a curiosidade de saber para que fim, aproximou-se, e depois das boas tardes, perguntou:

— Você procura água nesse duro, amigo? O sertanejo levantou a cabeça:

— Não, patrão; estou *fazendo* uma cova para meu filho que morreu.



⁶⁴ *Rodeador*: regionalismo nordestino que se refere a um espaço aberto nos campos, usado pelos vaqueiros para reunir, organizar ou inspecionar o gado, especialmente durante o manejo ou a contagem dos animais.

⁶⁵ *Olho d'água*: termo usado para designar uma nascente, lugar onde a água brota naturalmente do solo. Isso acontece quando o lençol freático (camada subterrânea de água) chega próximo à superfície e a água aparece, formando uma nascente.

⁶⁶ *Trempe de três de agulhas de arrocho*: tripé rústico feito com três ferros finos (as “agulhas”), amarrados ou presos no topo, formando uma estrutura em forma de pirâmide. Esse tripé é usado para sustentar uma panela sobre o fogo, permitindo o preparo de alimentos. É um utensílio típico, comumente utilizados por sertanejos e tropeiros em acampamentos.

⁶⁷ *Pindoba*: tipo de palmeira, em especial do gênero *Attalea*, muito comum no nordeste do Brasil, de onde se retiram folhas para cobrir casas, fazer esteiras ou artesanato.

⁶⁸ *Tanger*: no contexto rural, significa conduzir, guiar ou afastar um animal, geralmente com gestos, sons ou instrumentos.

Olhe ali. Era um menino que fazia gosto ver! Vivo como ele só!

O mineiro olhou e viu uma mulher sentada junto a um *murundu*, tendo no regaço o cadáver dum menino.

Depois de um longo suspiro, o sertanejo acrescentou em voz queixosa:

— A fome, patrão! A fome é que faz tudo isso!

— E o menino morreu de fome? Inquiriu o mineiro.

— Morreu, sim senhor! Disse o sertanejo, e acrescentou: — como muita gente tem morrido por este sertão de meu Deus! Até pai já tem matado filho pra comer! Perto daqui mesmo, dizem, eu mesmo não sei, dizem que um velho Raymundo (pode ser que sua mercê tenha dormido na casa dele), que esse velho Raimundo já matou dois.

O mineiro sentiu apertar-se-lhe o coração. Ligeiro calafrio cortou-lhe a espinha dorsal.

— Que é que está dizendo: homem?! Exclamou, sem dominar-se.

— Não sei, patrão; o povo é que diz. E parece que é assim mesmo porque ninguém sabe rumo dum que ele disse que se perdeu no mato, há uns dias.

Rápida associação de ideias fez esfriarem as mãos do mineiro. Somente agora lhe causava estranheza que o velho Raymundo tanto insistisse para *trocar* uma filha por um celamim de sal, em vez de o fazer por um pedaço de carne, quando por não tê-la se queixava.

Pensou em Maria, e o coração doeu-lhe deveras.

Não quis, em todo o caso, revelar o negócio do sal.

Não se confessaria ingênuo ou cúmplice involuntário de uma tal monstruosidade.

— Vender filho, continuou o sertanejo, isso é coisa que se vê todos os dias.

— Na verdade! Comentou o mineiro, baixando a cabeça, pensativo.

— Ah! Patrão de minh'alma! Exclamou o sertanejo, parando a escavação, têm se visto coisas com esta fome! Saí da terra dos meus, cidade de *Caetité*, e lá, e nos caminhos tenho visto! Patrão! — Bradou o retirante com amargura, — *o Deus que nos protegia morreu ou mudou-se!*

A enxada caiu de novo, cavando fundo, enquanto pela face do sertanejo duas lágrimas desciam vagarosamente.

Houve pequena pausa, durante a qual só se ouvia o *tum, tum*, abafado, da enxada na cova.

— Nós, João, não devemos agravar a Deus; antes sofrer com paciência! Disse, sufocando os soluços, a mulher, cujo rosto, oculto pelo xale, não pôde o mineiro observar.

O sertanejo não respondeu. *Enterrando* mais o chapéu de couro na cabeça, e cerrando os **malares**⁶⁹, como para estrangular qualquer **imprecação**⁷⁰ inconveniente, continuou a trabalhar.



⁶⁹ *Malares*: termo que se refere aos ossos das maçãs do rosto, também chamados de ossos zigomáticos. No contexto apresentado, a expressão “cerrar os malares” indica um gesto em que a pessoa fecha o semblante e contrai os músculos do rosto, geralmente como forma de conter uma emoção intensa, como raiva, revolta ou indignação.

Ricardo interrompeu o doloroso silêncio.

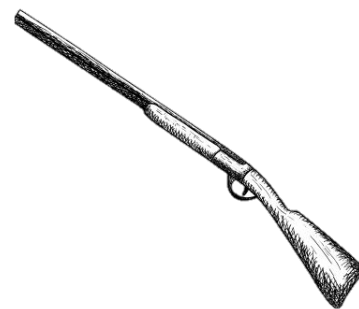
— E daqui para onde você vai, *sôr João*?

— Eu mesmo nem sei, patrão. Daqui, talvez pra beira-mar. Tenho vontade de tentar a sorte na **Chapada Nova**⁷¹; *mais* a mulher está **repunando**⁷².

— Pois é bom ir. Eu pra lá vou vender um salzinho. Se for bom deveras, fico.

— Daí, pode ser que eu vá, obtemperou o João. Só tenho medo de ser um lugar, onde ainda se mata gente por vadiação.

— Não é mais assim, não. Isso foi no princípio, quando um sujeito, pra comprar uma **lazarina**⁷³, alvejava nalgum pobre que passava.



Em todo o caso, não há como a gente andar prevenido.

Houve novo silêncio.

Caía a noite. O sertanejo tomou o cadáver do filho, envolto em trapos, e o depositou na cova com o mesmo cuidado como se o fizesse numa cama. Em obediência à superstição, Ricardo lançou na cova um **pugilo**⁷⁴ de terra, e com um *até outra hora*, retirou-se depressa para que a inditosa mãe pudesse chorar e lastimar-se à vontade.

Dirigindo-se para o rancho, o mineiro pensava em Maria. Se tinha razão o povo, e dizia coisa certa, o pai desnaturado seria capaz de matá-la também.

Não era, entretanto, só o sentimento de compaixão que agora oprimia a alma generosa do mineiro. No seu entender, parecia estar estonteado por uma **coisa feita**⁷⁵. O lindo semblante da sertaneja e o seu olhar de uma doçura infinita exaltavam a imaginação do serrano com tal intensidade que o obrigavam a evocar a lembrança do olhar da *Nossa Senhora do Patrocínio* da **Serra Nova**⁷⁶.

Se visse de novo a sertaneja, pensava ele, perderia de todo a cabeça e casar-se-ia com ela. Como devia ser amorosa e boa! No mais, a miséria é que não a deixava parecer mais bonita.

Quando assim meditava o serrano, ouviu um dos seus camaradas, que voltava da *arrumação*, cantar de voz solta, na toada dolente que os sertanejos conhecem:

⁷⁰ *Imprecação*: maldição, praga, xingamento.

⁷¹ *Chapada Nova*: região da Chapada Diamantina que, assim como a Chapada Velha, foi marcada pela exploração de diamantes. A Chapada Nova corresponde às áreas de garimpo e povoamento mais recentes, em contraste com as ocupações mais antigas da Chapada Velha.

⁷² *Repunando*: do verbo repunar, a expressão popular e regional significa mostrar resistência, repulsa ou aversão a algo.

⁷³ *Lazarina*: espingarda de pequeno calibre, de um só cano, que no passado era muito utilizada pelos sertanejos, especialmente na caça de aves.

⁷⁴ *Pugilo*: pequena porção de algo que cabe entre os dedos, como um punhado ou uma pitada.

⁷⁵ *Coisa feita*: feitiço, maldição lançada por alguém.

⁷⁶ *Nossa Senhora do Patrocínio da Serra Nova*: Nossa Senhora do Patrocínio é um título da Virgem Maria, muito venerada pelos católicos em Minas Gerais. Há diversas localidades que homenageiam esse nome, inclusive uma comunidade real chamada Serra Nova, situada no município de Rio Pardo de Minas. No romance, o personagem Ricardo Brandão é natural de uma "Serra Nova", possivelmente uma referência a esse local real.

Lá vai a garça voando
Lá pra a banda do sertão,
Leva Teresa no bico,
Maria no coração...

Ricardo reconheceu a voz de *Pingo d'Água*. Este continuou:

Cravo roxo, cravo rosa,
Cravo de toda nação!
Meu benzinho de tão longe...
Ai, meu Deus, não posso, não!

E estribilhava com mais tristeza:

Ai, meu Deus, não posso, não!

O mineiro sentiu que se lhe marejavam os olhos, após ligeiro arrepio dos cabelos, e gritou de longe:

— Cala essa boca, demônio!

Pingo d'Água compreendeu que tinha *ferido* o patrão e retrucou, incontinente, com vivacidade:

O tronco nasce da terra,
Do tronco rebenta a rama,
Meu patrão não se incomode,
De longe também se ama!

Chegado ao rancho, Ricardo não pôde cear. Tomou apenas um **cuítezinho**⁷⁷ de café, acendeu um cigarro, e estendeu-se na rede. Apesar de toda a energia empregada para calcular os negócios, e pensar nas riquezas da **Chapada**⁷⁸, só uma ideia sobrenadava, a obsediar-lhe a mente. Maria surgia-lhe do fundo da memória, cada vez mais formosa.

Pingo d'Água, sentado num couro, à beira do fogo, *ralhava* na viola.
Ao longe ouviam-se rezas de velório em um rancho de retirantes.
Somente pela madrugada o mineiro adormeceu.



⁷⁷ *Cuítezinho*: expressão utilizada em regiões do interior do Brasil para se referir ao ato de tomar um pequeno café, geralmente servido em uma cuia ou recipiente semelhante, chamado de cuité. A expressão carrega um tom afetivo e costuma acompanhar momentos de conversa e hospitalidade.

⁷⁸ *Chapada*: o autor faz referência à Chapada Diamantina, uma região constituída de montanhas, chapadas e planaltos da Serra do Espinhaço, localizada na região central do estado da Bahia.

IV

Ao alvorecer, Ricardo estava de pé. Em tempo de verão, é a hora mais aprazível do dia, na região das catingas. O ar fresco e puro, o aroma silvestre e indefinível, que se respira, restituem ao organismo combalido as energias precisas para a labutação quotidiana.

Ao levantar-se o patrão, o *cuca* trouxe-lhe água para o rosto, e, após, o cuitezinho de café, que ele, como mineiro de gema, sorveu vagarosamente, aos goles poupados, como pratica o experimentador de vinhos. Após o último gole, levantou-se da rede, deixou o cuité⁷⁹ sobre uma bruaca, puxou da *bainha*⁸⁰ a *parnaíba*⁸¹, picou fumo, que esfarinhou entre as palmas, prendendo a faca, de ponta para cima, entre o polegar e o indicador; depois do que, apertando o fumo picado na mão esquerda, cortou uma palha de milho e pôs-se a alisá-la, demoradamente, como que absorvido num pensamento profundo.



Dominava o silêncio do ermo. Os camaradas tinham partido a campear, desde as primeiras barras do dia.

Para Ricardo e o cozinheiro, esse silêncio era apenas interrompido pela fervura do caldeirão da feijoada com toucinho e pernil. O mineiro continuava a meditar. Depois de sorver algumas fumaças do cigarro, sentiu certa *lassidão*⁸², que o obrigou a sentar-se.

Quando os primeiros raios do sol iluminavam as cristas das serras do poente, ouviu-se o som de um cincerro e as conhecidas vibrações do solo, indicando um tropear ao longe. Em poucos momentos ouviram-se assobios e gritos guturais dos camaradas, *tangendo* a tropa. Ao chegar esta ao rancho, Ricardo notou de um lance d'olhos que faltavam animais.

De fato, os camaradas queixavam-se de que, por não haver pasto, a tropa *esparramara* na catinga.

— Faltavam *Boneca*, *Rompante*, *Bem-feito* e outros; porém que deviam estar aí mesmo, nalgum *encosto* da serra.

— Que haviam de aparecer; até a sede ajudava a botá-los pra fora. E depois de tais afirmativas, os tropeiros foram ao café.

Estava em expectativa o que constitui o terror dos viajantes: uma *falha forçada*⁸³ num pouso sem recurso.



⁷⁹ *Cuité*: pequeno recipiente, geralmente feito da casca seca do fruto da árvore cuitezeiro. É culturalmente usado para servir café, água ou outras bebidas em regiões do interior do Brasil, especialmente no sertão.

⁸⁰ *Bainha*: capa ou estojo de couro ou material resistente onde a faca ou outro tipo de lâmina é guardada e geralmente presa à cintura.

⁸¹ *Parnaíba*: tipo de faca longa, com lâmina fina e ponta aguda, bastante utilizada por vaqueiros, tropeiros e sertanejos, tanto no manejo de animais quanto em tarefas cotidianas, como picar fumo.

⁸² *Lassidão*: cansaço, fadiga, falta de força ou estímulo para agir.

⁸³ *Falha forçada*: situação causada por uma circunstância adversa ou por um erro grave, que resulta em uma parada ou pouso inesperado, sem alternativas de solução imediata.

Ricardo, entretanto, não se mostrava contrariado com essa expectativa; parecia até satisfeito. Dir-se-ia que o acaso vinha favorecer a uma tendência nova de seu espírito, subjogado pela paixão nascente. Segundo afirmou, tempos adiante, nesses momentos tinha ímpetos de voltar, tomar na garupa do *Ruão* a sua *cativa*, e associá-la de qualquer modo ao seu destino. Mas esses pensamentos foram passageiros. Aprendera de sua velhinha mãe a respeitar uma donzela, qualquer que fosse o seu estado e condição. Além disso, era sinceramente católico e nos princípios rudimentares de sua religião encontrava sempre uma **antemural**⁸⁴ contra a tentação da carne voluptuosa, e contra os maus pensamentos. Afora esses princípios ou por excesso deles, era supersticioso. Sabia orações prodigiosas contra todos os males que o pudessem afligir. O mineiro fez-se forte e rezou contritamente. O efeito da autossugestão foi miraculoso. Ricardo viu tudo com mais clareza.

Gostava de Maria, porém não podia se casar com ela, e muito menos tê-la por amante. Tinha praticado uma boa ação e não havia de destruir essa lembrança com uma doidice. Ali, era seguir d'olhos fechados o plano velho. Chegar a Chapada Nova, vender o **carregamento**⁸⁵ e a tropa, reservando apenas alguns animais para a viagem de retorno, e tentar a sorte nalgum garimpo rico. Se em princípio lhe *desandasse* a sorte, antes de *entrar no cobre* da tropa, seguiria para o **Serro**⁸⁶, a fim de comprar novos animais e recomeçar a vida. Se fosse feliz, voltaria mais tarde à Serra Nova, compraria uma fazenda de criação, que isso de andar em coice de tropa era cousa que nem ia nem vinha.

O sol alteava-se. Ao voltarem os camaradas com a tropa, que tinham levado a beber, Ricardo tornara-se resoluto; dava ordens mais terminantes. Ajudava, com presteza, a milhar os animais, que avançavam famintos, insistentes, com o beíço superior estendido e trêmulo, ora gaguejando uma espécie de rugido gutural, surdo; ora escoiceando-se e mordendo-se uns aos outros, *murchando* as orelhas, aos pinchos e aos guinchos, que os distribuidores de embornais aquietavam, distribuindo, também, murros a torto e a direito.



É esse constante lidar com animais em viagem o que faz do almocreve ou tropeiro uma entidade particular, um especialista de classe, que se não confunde com o **recoveiro ocasional**⁸⁷.



⁸⁴ *Antemural*: construção que serve de defesa, colocada diante de uma muralha principal. No sentido figurado, como apresentado no romance, representa qualquer forma de proteção ou barreira contra algo considerado perigoso ou indesejado.

⁸⁵ *Carregamento*: mercadorias ou produtos transportados de um lugar para outro, geralmente em tropas de animais ou veículos. Nas atividades de comércio antigo da Chapada Diamantina, o carregamento era fundamental para o sustento das comunidades e para a economia da região.

⁸⁶ *Serro*: município brasileiro localizado no estado de Minas Gerais, pertencente à região geográfica imediata de Diamantina. Está localizado em uma área de relevo montanhoso, com serras, vales e rios que compõem um cenário típico da região do Espinhaço.

⁸⁷ *Recoveiro ocasional*: pessoa que transporta cargas ou mercadorias em lombo de animais. Desempenha uma função semelhante à dos almocreves ou tropeiros, mas de forma esporádica, em trajetos menores e sem exercer essa atividade como profissão principal.

O tropeiro tem uma idiossincrasia, uma *gíria*, um *modo*, um *jeito* todo seu, seja para se corresponder com os companheiros, seja para *atalhar*⁸⁸ uma cangalha, seja para alcear⁸⁹ uma carga, ou arrochar um lote inteiro, dando a mesma inclinação a todas as *agulhas*⁹⁰. Para todo o ofício mais vale, de ordinário, a longa prática; mas o verdadeiro almocreve tem um instinto que causa pasmo aos ignorantes do ofício, como tem uma idiossincrasia que, observada, faz meditar um médico.

Assim, até para *milhar*⁹¹ animais reunidos, só um prático pode fazê-lo sem apanhar um couce, nem deixar se entornar o *milho*⁹².

Distribuída a ração, o camarada de nome Felipe consultou:

— Hein, *Pingo d'Água*, você não acha que *Boneca* e *Rompante* tomaram por aqueloutro boqueirão que está mais acima?

— Acho. Aquela mula é *mocambeira*⁹³ que é uma desgraça!...

— Deixem de consultas, interveio o patrão; Benedito e Joaquim ficam *pastorando*; vocês dous sigam logo, que os animais estão aí mesmo e ainda hoje se pode fazer *marcha*⁹⁴ pequena para o *Angico*⁹⁵.

Os camaradas obedeceram e seguiram. Um pouco adiante, Felipe disse ao companheiro:

— Hein, Manuel? Você viu *cumo* o patrão tem estado *zambuado*⁹⁶ estes dias?
Mais hoje está com a vista mais alegre.

— Eu sei, moço! respondeu *Pingo d'Água*, e começou a cantar baixo, obrigando Felipe à *segunda*⁹⁷, sem interromper o andar ligeiro:

O cravo pediu à rosa,
Que lhe desse o seu condão:
A rosa lhe deu espinho,
Mas o cravo não quis, não!



⁸⁸ *Atalhar*: no contexto rural e sertanejo, a expressão, no trecho apresentado, significa ajustar, preparar ou arrumar algo rapidamente, especialmente equipamentos usados no trabalho diário, como as cangalhas dos animais.

⁸⁹ *Alcear*: levantar ou posicionar uma carga sobre o animal ou estrutura.

⁹⁰ *Agulhas*: no Nordeste, especialmente entre vaqueiros e tropeiros, pode significar haste de madeira ou estrutura que ajuda a travar ou estabilizar a carga sobre a cangalha — um suporte colocado no lombo de animais de carga. Essas agulhas são fundamentais para garantir que a carga fique firme durante os longos deslocamentos realizados pelo sertão.

⁹¹ *Milhar*: expressão utilizada no contexto rural para se referir ao ato de jogar ou distribuir milho, ou tipo de grão, como alimento para os animais.

⁹² *Entornar o milho*: expressão utilizada para indicar o ato de derramar o milho, por inexperiência ou desatenção, especialmente ao alimentar animais.

⁹³ *Mocambeira*: adjetivo atribuído a animal que se esconde no mato.

⁹⁴ *Marcha*: expressão usada por tropeiros e vaqueiros para se referir a uma viagem ou deslocamento, geralmente feito a pé ou com animais de carga ou montaria. Indica o ato de seguir caminho, percorrendo uma determinada distância, seja ela curta ou longa.

⁹⁵ *Angico*: parada ou local de descanso na antiga rota dos viajantes e tropeiros pela Chapada Diamantina.

⁹⁶ *Zambuado*: expressão regional do Nordeste, de uso popular, que se refere a alguém que está triste, calado, emburrado ou de mau humor.

⁹⁷ *Segunda*: no contexto apresentado, refere-se a fazer a segunda voz em uma canção, ou seja, cantar uma harmonia complementar à melodia principal.

A viola *chora* a prima,
A prima *chora* o bordão...
— O cravo pediu à rosa
Que lhe desse o seu condão!
Eh! seu condão!...



O eco respondia ao longe nas quebradas da serra, porque, insensivelmente, tinham alteado a voz.

Dentro em pouco os campeadores desapareceram na catinga. Cada um tomou seu rumo.

No rancho, os animais que acabavam de comer milho, e dos quais eram tirados os **embornais**⁹⁸, ficavam por ali, a **turrar**⁹⁹, a **babujar**¹⁰⁰ folha seca do chão ou a roer casca de pau.

Já se fazia sentir o tédio de uma *folha*¹⁰¹, em que o dia parece mais longo; o sol mais quente, ou mais fria a chuva; as moscas mais importunas; o silêncio mais desanimador; e em que, tudo que não seja o burro **aparecido**¹⁰², ou o doente são, que não seja, enfim, a cessação da *folha*, traz aborrecimento.

Passou a hora do *almoço manso*. O sol despejava uma torrente de fogo. Em longas extensões o calor irradiava-se, como se a terra fosse a abóbada de um imenso forno quente.

Passou a turma de retirantes, que pediam esmolas por todos os santos. Sem molestá-los, Ricardo convenceu-os de que não podia dar o que não era seu.

Passou uma procissão de penitência, em preces (*ad petendam pluviam*)¹⁰³ conduzindo uma imagem de Nossa Senhora do Alívio. Mudava-se, para uma casa distante, a residência da imagem, para que ela fizesse chover imediatamente.

Pela estrada afora o mulherio, aterrorizado com a seca e a fome, carregava pedras, gritando **esganiçadamente**¹⁰⁴ como carpideiras egípcias¹⁰⁵ em funerais de grande pompa.

O mineiro e os camaradas levantaram-se e descobriram-se à passagem da Santa.

A procissão desapareceu ao longe.

⁹⁸ *Embornais*: sacolas feitas de tecido grosso, couro ou lona, usadas no pescoço ou nos arreios dos animais para guardar e servir alimentos, como milho ou farelo. São comuns em ambientes rurais, especialmente durante viagens ou paradas em ranchos.

⁹⁹ *Turrar*: ação dos animais de empurrar, cutucar ou remexer objetos com o focinho, testa ou chifres. Em alguns contextos, também pode significar resmungar, mugir baixinho ou emitir sons abafados, como fazem bois ou vacas quando estão impacientes ou incomodados.

¹⁰⁰ *Babujar*: molhar algo com saliva ou babar sobre ele, como fazem alguns animais ao mastigar sem engolir de imediato, deixando folhas ou objetos úmidos.

¹⁰¹ *Folha*: o termo que aparece duas vezes neste parágrafo para indicar a parada forçada do rancho devido ao extravio de animais, parece ser devido a algum engano, uma vez que nas demais passagens em que se alude a esse fato diz-se *falha* (Cf. p. 21), ou, em dialeto popular, *faia* (acima). (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.23).

¹⁰² *Burro aparecido*: expressão regional que pode ser usada para descrever algo ou alguém que aparece de forma inoportuna ou inesperada, trazendo desconforto ou irritação. No contexto do trecho, pode ser uma metáfora para algo que interrompe a tranquilidade, causando aborrecimento.

¹⁰³ *Ad petendam pluviam*: locução latina que significa “para pedir chuva”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/ad%20petendam%20pluviam>).

¹⁰⁴ *Esganiçadamente*: expressão que descreve um grito estridente, agudo e penoso, muitas vezes associado a uma sensação de desespero ou sofrimento.

¹⁰⁵ *Carpideiras egípcias*: mulheres contratadas na antiga civilização egípcia para lamentar e chorar durante os rituais funerários. Elas expressavam a dor da perda de maneira dramática e intensa, contribuindo para o luto e a honra ao falecido.

Passava a hora do **almoço bravo**¹⁰⁶, e não vinham os animais! Uma dúvida surgiu no espírito do mineiro:

— Teriam furtado os animais?

Quis ir até ao rancho do africano, para indagar se havia ali tal costume; porém nesse momento aproximava-se o João, o sertanejo com o qual Ricardo travara conhecimento no dia anterior, e que, depois de saudar, falou:

— *Hein*, meu patrão, com que está sua mercê de **faia**¹⁰⁷!

— Era verdade. O **peior**¹⁰⁸ era que podiam estar furtados uns animais desaparecidos, respondeu Ricardo.

— Não tivesse susto, atalhou o sertanejo. Apesar da fome, o povo dali não furtava. Estava de pouco tempo, mas podia afirmar. Os animais apareceriam.

— Os anjos dissessem amém, respondeu Ricardo, coçando a cabeça, de impaciente.

Não esperou muito. Soou ao longe o prolongado grito do tropeiro, quando encontra o último animal *sumido*.

— Os anjos tinham dito amém, observou João.

Contente por isso, o mineiro abriu a bruaca da cozinha, cortou bom pedaço de carne, e deu-o ao sertanejo.

— Farinha é que não havia, acrescentou.

O sertanejo expandiu-se em agradecimentos:

— Pudesse contar com ele onde estivesse. Nunca se esqueceria daquela esmola de bom coração. Ia sempre para a Chapada, e lá estaria ao serviço do patrão.

E despediu-se. Decorrido algum tempo, chegaram os animais.

O mineiro *desapontou*. Estavam *finos* e *varados* de sede.

Ordenou que Felipe fosse dar-lhes de beber, enquanto o Manuel *atalhava* algumas cangalhas de seu lote, que estavam *lambendo* em vésperas de **pisar**¹⁰⁹.



¹⁰⁶ *Almoço bravo*: expressão popular e regional que se refere a um almoço feito fora do horário usual, geralmente mais tarde do que o horário esperado ou desejado.

¹⁰⁷ *Faia*: termo de uso coloquial e regional em algumas áreas do Nordeste, utilizado para se referir a "falha". No contexto apresentado, "faia" é empregada para indicar um problema, especificamente a falta ou ausência de animais.

¹⁰⁸ *Peior*: do latim (*peior*), quer dizer pior.

¹⁰⁹ *Lambendo em vésperas de pisar*: metáfora ou expressão regional que sugere uma situação em que algo ou alguém está quase prestes a agir ou a se mover, mas ainda está em um momento de preparação ou expectativa.

Determina a superstição dos tropeiros que se não descubram os lotes do rancho sem que estejam vistos todos os animais da tropa, porque o proceder contrário dificulta o aparecimento dos que estejam transviados, obrigando a *falhar*.

Assim, foi *Pingo D'Água* o primeiro a tirar de seu lote os couros que estavam tinindo com o calor. Desarrumou as cangalhas, lembrando que o próprio Diabo não quis ser tropeiro para não lidar com *couro cru em tempo de sol quente*, e, enquanto trabalhava, distraía-se:

Quem parte, parte chorando;
Quem fica vida não tem;
Não tem sono nem sossego,
Quem chegou a querer bem.

O canto era intermeado de socos para acamar ou espalhar a paina do **talabardão**¹¹⁰, nos pontos a atalhar.

Quem tiver cuidados, tenha
Mas nunca procure amar,
Que é pena que puxa pena
Sem nunca mais acabar.

Quem saiu de sua terra,
Se disponha a padecer;
Que a tristeza nunca solta
Quem tem alma pra sofrer.



Talabardão

Concertava com a voz do camarada o ruído causado pelo **corrute**¹¹¹ dos animais vindos, triturando o milho.

Chegou a hora de *suspender* cargas. — O sol declinava; mas ainda havia tempo de alcançar pouso de melhor arrumação, daí a légua e meia.

Os camaradas almoçaram. Ricardo almoçou pouco. Apesar de seu trabalho pensava, de quando em quando, em Maria, sem, contudo, se perturbar, como a princípio.

O primeiro lote partiu. A *cabeçada* agitava-se, vibrando com o desânimo peculiar às tropas **batidas**¹¹². Seguiram-se o segundo e o terceiro lotes. Arrochou-se a última carga do traseiro. Ricardo, ao *calçar* as esporas, relanceava o olhar pelo *rancho* para verificar se acaso ficara alguma coisa.

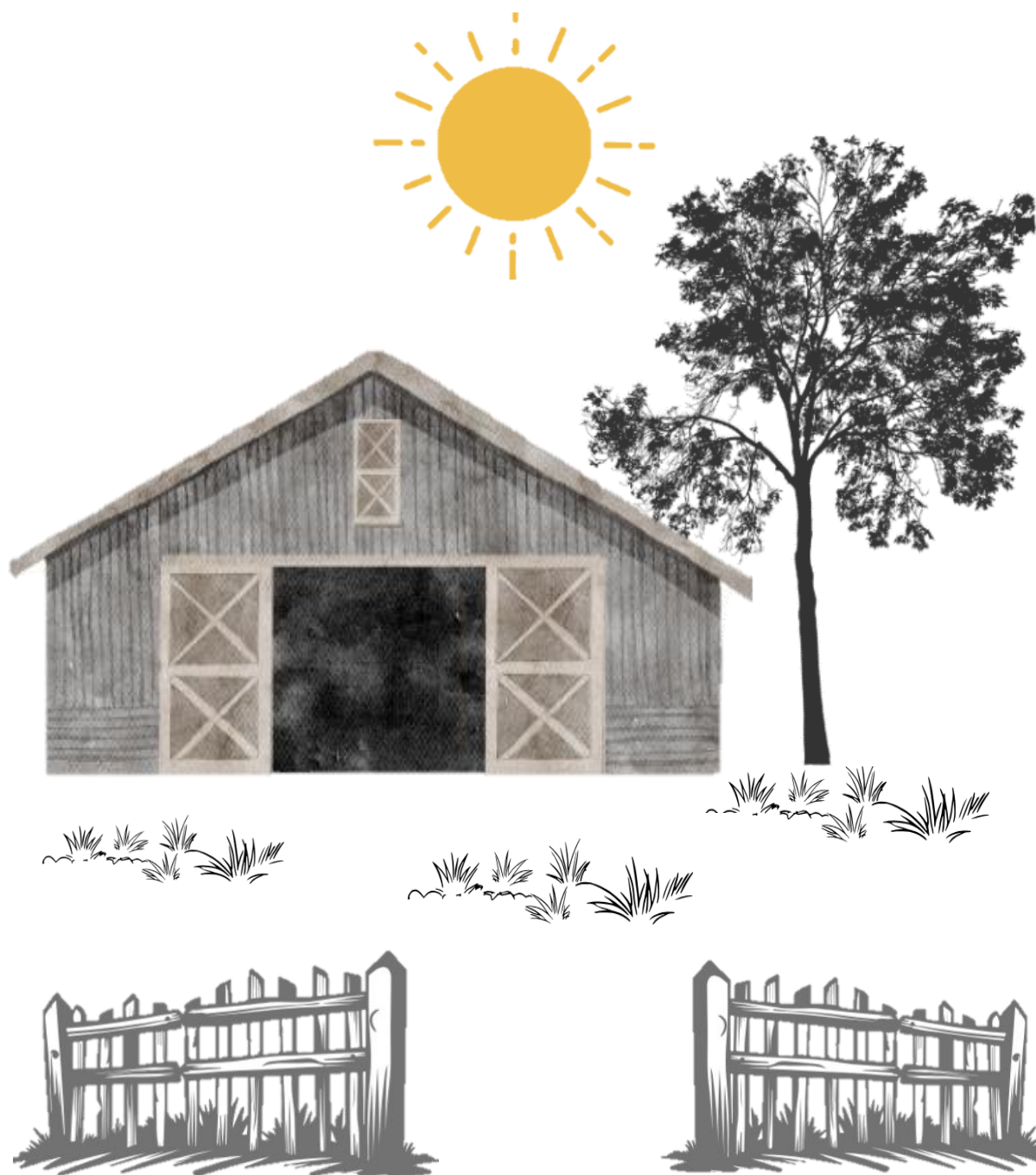
¹¹⁰ *Talabardão*: cobertura de couro cru costurada a uma espécie de saco com enchimento, colocada sobre a armação de madeira das cangalhas, que facilita a acomodação da carga e protege o lombo do animal do atrito e do peso.

¹¹¹ *Corrute*: expressão regional, provavelmente relacionado ao som característico produzido por animais ao se moverem ou se alimentarem.

¹¹² *Tropas Batidas*: no contexto apresentado, a expressão é usada para descrever um grupo de animais de carga que já preparados ou arrumados para a jornada se mostram exauridos e fatigados de longas viagens.

Por pior que seja um *rancho* em que o viajante passou algumas horas, causa-lhe sempre alguma saudade o deixá-lo, porque, ao menos, acode-lhe ao pensamento a dúvida ou possibilidade de o tornar a ver algum dia.

Nessa tarde a tropa **derrubou**¹¹³ no Angico.



¹¹³ *Derrubou*: no contexto de tropeiros e vaqueiros, significa que a tropa (grupo de animais de carga) chegou e se acomodou ou parou em um local para descansar ou pernoitar.

V

Do pouso do Angico, Ricardo continuou a viagem sem tropeços. Em poucos dias atravessou **o gerais**¹¹⁴ do **Tanquinho**¹¹⁵; passou pelo **Comércio de Fora**¹¹⁶, e entrou em **Mucugê**¹¹⁷, aliás vila de Santa Isabel, desde 1847, porém somente conhecida então por aquele nome.

Em consequência da viagem, estava quase apagada no espírito do mineiro a lembrança da sertaneja. A sua chegada ao Mucugê obliterou ainda mais essa lembrança.

Não obstante ser filho da província de Minas e, além disso, bastante *corrido*, habituado, portanto, a lidar em meio de grandes cidades sertanejas, em todo o caso, o burburinho febril do comércio do Mucugê, d'então, tornou-o, na gíria dos tropeiros, **zaranza**¹¹⁸ e **apoucado**¹¹⁹.

É preciso, em verdade, petulância e presença de espírito, para um homem qualquer enfrentar, de chofre, com calma e sem desaprumar-se, o grande movimento de uma *lavra*, recentemente descoberta, onde se aglomere uma população de dezenas de milhares de indivíduos, gente de todos os climas, de todas as raças, de todas as condições, e costumes diversos, num vaivém contínuo, numa **azáfama**¹²⁰ e agitação atordoadoras, de vasto acampamento de guerra, e que acobarda os tímidos, desafiando a gana dos audazes. É aí que a luta pela existência se acentua, por vezes, de um modo acerbo e apressado, evidenciando-se o princípio egoísta, segundo o qual, sejam quais forem as condições étnicas e mesológicas, o mundo é dos que rugem e não dos que balam; é dos leões e não das ovelhas; aí, como na guerra, aqueles que esmorecem são cruamente calcados pelos próprios amigos, por todos os que se arrojam no campo da luta; nem há meio termo: aí é morrer ou vencer. Nesses lugares, e em princípio, enquanto não se uniformizam os costumes, pela força da autoridade pública ou pela preponderância dos indivíduos melhores e mais fortes, o que só acontece com o decorrer de muitos anos, a própria *Caridade*, entre cristãos, tem o aspecto selvagem e grosseiro, do *tiro de Misericórdia* das execuções militares de *povos cultos*.



¹¹⁴ *Gerais*: campos extensos, desabitados e com vegetação escassa.

¹¹⁵ *Tanquinho*: na região da Chapada Diamantina, no estado da Bahia, existe um distrito chamado Tanquinho. Ele faz parte do município de Lençóis e está localizado a aproximadamente 126 quilômetros da cidade de Mucugê, outra importante localidade da Chapada em que o romance é ambientado.

¹¹⁶ *Comércio de Fora*: antigo ponto de passagem e localidade próxima a Mucugê, que servia como parada comercial e de apoio para viajantes e garimpeiros.

¹¹⁷ *Mucugê*: cidade histórica da Chapada Diamantina, localizada a cerca de 448 km de Salvador, a capital do estado da Bahia. No século XIX, destacou-se como um dos primeiros locais da região onde se encontraram diamantes, atraindo garimpeiros e comerciantes e marcando a história do ciclo do garimpo de diamantes na Bahia.

¹¹⁸ *Zaranza*: atordoado.

¹¹⁹ *Apoucado*: acanhado, tímido.

¹²⁰ *Azáfama*: movimento intenso e contínuo.

Ricardo mandou *derrubar na intendência* do capitão Joaquim Manuel, o protótipo da honradez, como homem e negociante. O mineiro ouviu, durante a viagem, falar muito nesse homem como *homem bom do lugar*, no dizer singelo dos sertanejos, que é o mesmo das antigas *ordenações do Reino*, e, por precaução, estando em *terra alheia*, dirigiu-se ao capitão Joaquim Manuel.

Precisava de quem o protegesse desinteressadamente, em qualquer emergência, e ninguém se lhe afigurou melhor.

Esse negociante modesto (liberal e monarquista que, nessa época, nem poderia sonhar ter um dia, trinta e três anos depois, um de seus filhos, como governador de um estado republicano)¹²¹; recebeu o mineiro, ao balcão mesmo, com o seu discreto e afável sorriso:

— Onde vinha? Que trazia de negócio? Inquiriu.

— Era da Serra Nova, Minas, mas vinha de *baixo* pelo *Maracá*, donde pretendeu seguir para a *casa*; mas voltou para a Chapada Nova, porque soube que o sal *estava dando*, bem como o toicinho. Por isso a tropinha estava *tampada* de sal e toicinho.

Respondeu-lhe também o bom negociante:

— Que aproveitasse a quadra, realmente boa. Não podia ser melhor. Ele não comprava, porque não tinha mais onde depositar; porém, comprador não faltaria.

Pedindo sua proteção, o mineiro justificou-se, declarando que não tinha conhecimento algum no comércio.

O paciente negociante deu-lhe informações de pessoas e chegou até a indicar-lhe um alugador de *manga*¹²², de confiança, para a tropa.

Deu-lhe conselhos para não se afastar do *carregamento* e do *rancho* nem se meter em *badernas*, se acaso gostava disso, porque poderia se arrepender.

Ricardo asseverou sisudamente que não *era de badernas*, nem na sua própria terra, e, despedindo-se, voltou-se ao *rancho*.

Nesse mesmo dia, em poucas partidas, dinheiro à vista, vendeu o carregamento, com grande lucro.

Por segurança, logo ao anoitecer deu a guardar, contado e amarrado em bolo, todo o dinheiro ao capitão Joaquim Manuel, e, conforme o seu costume, às 8 horas estava deitado em sua rede, armada a um canto do casarão de meias paredes, denominado *intendência*, onde estavam hospedados outros *bruaqueiros*¹²³.



¹²¹ O Partido Liberal defendia a monarquia federativa, a abolição do poder moderador e a eleição de senadores. Em 1870, a sua ala exaltada fundou o Clube Radical, que daria origem ao Partido Republicano, contrário, evidentemente, à monarquia, e defensor dos interesses da classe média em ascensão.

¹²² *Manga*: no contexto apresentado, o termo manga, usado no Nordeste e em outras regiões do Brasil, refere-se a um local cercado, destinado para o pasto do gado. É uma área de vegetação fechada ou cercada, onde os animais são reunidos temporariamente.

¹²³ *Bruaqueiros*: termo utilizado na Bahia para denominar garimpeiros inexperientes; condutores de tropas de animais.

Não dormiu logo, porque entrou a fazer cálculos para a execução do plano traçado, isto é, vender parte da tropa e atirar-se ao garimpo.

Em tais cálculos adormeceu, imitando todos os companheiros de *rancharia*, no ressonar alto e compassado.

Alta noite, uma tropilha de desocupados **noctívagos**¹²⁴ (denominados *vadios*, e que constituem a escória de todas as populações) dividiu-se em grupos, e foram estes, como de costume, passear pelas *intendências*, acordando os *bruaqueiros*, arrastando couros, *furtando por brincadeira*, expandindo, enfim, as sensaborias do **espírito baixo**¹²⁵, acanhado e **acalcanhado**¹²⁶.

Aproximaram-se alguns, pé ante pé, da em que estava Ricardo; porém o mineiro não se deixou surpreender. Como todos os viajantes de profissão, em geral, tinha o sono *leve*. Assim, quando o mais avançado quis puxar um couro do lote de sua tropa, ele disse pausadamente:

— Deixe disso, moço. O senhor não sabe com quem brinca. É melhor ir-se embora!

— Eu puxo couro de outros, quanto mais *de você*, respondeu o desconhecido, **peguilhando**¹²⁷, e puxando o couro, entre gargalhadas mal reprimidas dos companheiros de *vadiação*.

— Terra sem governo! Solta o couro, já lhe disse! Retrucou Ricardo.

Os camaradas acordaram, e procuravam se munir de *agulhas* de arrocho, às apalpadelas, descompondo os *vadios*.

O *vadio*, supondo que esse, como outros *bruaqueiros*, se limitasse a persegui-lo, atirando *agulhas*, cobriu a cabeça e as costas com o couro aberto, e correu, arrastando as *garras* do couro pelas calçadas.

— Espera, diabo, *traste*! Gritaram a um tempo *bruaqueiros* e tropeiros, atirando, no rumo, ***pilungas e agulhas***¹²⁸.

O sangue, em saída, refluíra ao coração do mineiro, que, como possuído de loucura instantânea, apanhou a pistola de dois canos, e correu no encalço do desconhecido, cujos companheiros corriam adiante, em fileira, fiados no anteparo do couro.

— Espera, desgraçado! Gritou Ricardo, que, não podendo alcançá-lo, fez fogo. Ouviu-se um grito e



¹²⁴ *Noctívagos*: refere-se a pessoas ou seres que têm hábitos noturnos ou que são mais ativos durante a noite.

¹²⁵ *Sensaborias do espírito baixo*: ações e ideias sem importância, maldosas ou medíocres, próprias de pessoas de espírito mesquinho e desprezível.

¹²⁶ *Acalcanhado*: alguém preso a coisas insignificantes, de pensamento e comportamento desprezíveis, com atitudes de pouco valor moral ou intelectual.

¹²⁷ *Peguilhando*: provocando, promovendo disputa.

¹²⁸ *Pilungas e agulhas*: minérios satélites do diamante. (N. E.) (Série Bom Livro, 1978, p.26).

o baque do couro. Os outros *vadios* fugiram covardemente, deixando o companheiro, de borco, na calçada.

Ricardo voltou, caminhando, e, ainda descalço, sentou-se na rede, afrontado, ardendo em cólera.

Algumas portas se abriram, apareceram luzes, ao longe.

Os camaradas, penalizados, rodearam o mineiro, exclamando, comentando:

— Ora, patrão, *vosmecê* se botar a perder com uma *coisa ruim*!

— *Vosmecê* matou o homem deveras!

Diante dessas vozes, Ricardo levantou-se sem saber que devia fazer. Voltava-lhe a reflexão. Tirou-o do estado de perplexidade o conhecido trilo de apito da polícia, e o estrépito de gente que corria dos lados da cadeia velha.

Falou-lhe então, alto, o instinto de liberdade e conservação. Agarrou o casaco de algodão, tingido de lama, enrolou-o na capanga de couro, e, empunhando punhal e pistola, correu por um beco próximo, que dava para o rio Mucugê.

Quando a patrulha chegou, já o mineiro tinha desaparecido na escuridão.

Todos se apressaram em dizer que o criminoso já não estava ali; tinha fugido, ninguém sabia para onde.

O comandante da patrulha agastou-se com tanta *inocência*:

— Alguém haveria de saber, ou então prenderia todos.

Para aquietar a fúria dos soldados, um, menos discreto, dos tropeiros disse:

— Ora! fugiu por esse beco aí, e se bem andou, já atravessou o rio.

— Olha os sapatos dele ali, acrescentou outro, apontando, à luz do fogo do caldeirão da feijoada, os sapatos do mineiro debaixo da rede.

Assim orientados, os *guardas* (como então eram chamados) atufaram-se na escuridão do beco, em carreira até à *Várzea*; porém nada viram nem ouviram. Apenas *ninhadas* de porcos espantados corriam, soprando e roncando, pela várzea afora. A um soldado pareceu-lhe lobrigar um vulto branco, ao longe, correndo. Por descargo de consciência, descarregou a pistola que levava em companhia da baioneta. Não se viu mais nada. Após o estampido, que ecoou de quebrada em quebrada, e os estalos do ricochete da bala nas pedras, tudo ficou em silêncio, em relação a vozes e movimentos de gente.

Somente o Mucugê escachoava ruidoso por entre os rochedos e penedias escuras de suas margens e leito.

A patrulha entrou em consultas recíprocas e resolveu-se a voltar à intendência.

Os camaradas de Ricardo não arredaram pé dos lotes.

Ao chegar à rancharia, o comandante da patrulha inquiriu se não tinha companheiros ali o criminoso:

— Que tinha camaradas, foi a resposta de *Pingo d'Água*, e indicou os quatro, incluindo-se.

— Pois me acompanhem, disse o **furriel**¹²⁹ da patrulha.
 — Pra cadeia? Perguntaram a um tempo os camaradas.
 — Sim, respondeu um guarda, enquanto o furriel coçava a cabeça, inclinando a barretina sobre os olhos.
 — *Uai!* Exclamou Benedito, como é que o patrão faz um *dilito* e o camarada vai preso?
 — Não. Isso não está direito, não; acrescentou Joaquim.
 — E que tem isso? Perguntou o comandante.
 — Tem, que eu não vou por bem, nem por mal, porque não fiz *dilito* nenhum. E comecem com muita conversa, eu grito meu amo, senhor coronel Rocha, e está tudo acabado. O sobrado dele é ali perto, disse *Pingo d'Água*.



Diante desse nome e da ameaça, o furriel coçou de novo a cabeça e os guardas emudeceram.

— Mas é preciso sempre ir à casa do Sr. subdelegado.
 — Está bom, *isso* a gente vai amanhã, retrucou *Pingo d'Água*; hoje já é tarde, não tem quem tome conta do rancho. E depois o *vadio* não teve nada. Um carocinho de chumbo na pele.

O furriel concordou e retirou-se, depois de tomar o nome do patrão e dos camaradas, em direção da casa duma velha Sinhanna, onde soube estar o ferido, um rapazola imberbe, órfão de pai e mãe.

Aí verificou o furriel que realmente não devia incomodar o subdelegado. Apenas quatro **caroços**¹³⁰ de chumbo empregaram-se na omoplata direita, interessando somente o tecido celular subcutâneo. O couro de boi certamente enfraquecera a força dos projéteis.

Remédios caseiros foram aplicados e o rapazinho fumava o seu cigarro tranquilamente.

Em todo o caso, no dia seguinte foram ouvidos os camaradas e mais tropeiros, formando-se o corpo de delito. Por mais que as testemunhas do inquérito inocentassem o delinquente, este, na melhor hipótese, teria que pagar a imprudência do seu impulso, com quatro anos de prisão com trabalho, ou mais oito meses de prisão simples, porque ficou bem classificada a tentativa de homicídio.

Entretanto não houve mais novas do mineiro. Essa falta de notícias incomodava ao capitão Joaquim Manuel, por estar de posse do dinheiro de Ricardo, e exposto à probabilidade de comparecer em juízo, o que nada tinha de agradável.

Providenciou, portanto, em segredo, para que fosse encontrado o mineiro, vivo ou morto.

¹²⁹ *Furriel*: era uma graduação militar que existiu no Exército, nas polícias e nos corpos de bombeiros militares no Brasil. Em alguns contextos, o termo pode ser comparado ao que hoje seria o terceiro-sargento, ou usado apenas para se referir a uma função específica, como a de organizar a folha de pagamento e as refeições dos sargentos, cabos e soldados.

¹³⁰ *Caroços*: no contexto apresentado, a palavra caroços se refere a pequenas balas ou projéteis de chumbo, usados como munição em armas de fogo antigas.

Quanto aos camaradas, mandou chamá-los e aconselhou-os que não abandonassem o rancho.

Somente não pôde dar um jeito em *Pingo d'Água*, que, à noite, andava já de viola ao peito, cantando em **desafio**¹³¹ pelas tavernas, temendo somente se enfrentar com o famoso *Ponta d'Água*.



¹³¹ *Desafio*: disputa de cantoria improvisada entre duas ou mais pessoas, em que os participantes criam versos na hora, rimando e respondendo ao adversário. Essa tradição, conhecida como repente, embolada ou moda de viola, faz parte da cultura popular brasileira e ainda acontece em várias regiões do país.

Recursos Educacionais Digitais

Na Plataforma Maria Dusá na escola, no menu MATERIAL DIDÁTICO, você encontra diversos jogos educativos sobre o romance *Maria Dusá* e seu escritor Lindolfo Rocha, a edição digital do romance e muito mais!



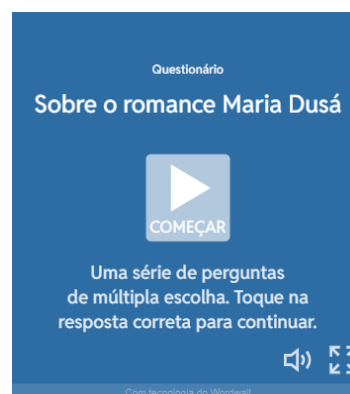
QUESTIONÁRIO SOBRE
LINDOLFO ROCHA



TRILHAS SOBRE
LINDOLFO ROCHA



GAME SHOW SOBRE O
GÊNERO TEXTUAL ROMANCE



QUESTIONÁRIO SOBRE O
ROMANCE MARIA DUSÁ



Acesse: <https://mariadusa.com/material-didatico>

Sobre a autora de Maria Dusá na escola

Damare Oliveira de Souza é graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias na Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XXIII (2015), e possui experiência atuando principalmente na Educação Básica, no ensino fundamental e ensino médio.



Em 2018, Damare Oliveira concluiu o mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Em sua pesquisa realizou uma edição filológica e estudo lexical de um processo crime de roubo e estupro do início do século.

Atuou como professora supervisora do Subprojeto Literatura Afro-Brasileira nos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) do PIBID/UNEB – Campus XXIII, supervisionando 08 bolsistas de Iniciação à Docência no período de novembro de 2020 a abril de 2021. Além disso, possui ainda especialização em Mídias na Educação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2022).

Concursada pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia no ano de 2025, Damare Oliveira atua como docente, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Iniciação Científica.

Atualmente, é doutoranda em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (2021 -), desenvolvendo a tese, intitulada Hiperedição do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha.

Endereço do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3636325226246385>

E-mail: mariadusah@gmail.com

Créditos

Produção: Damares Oliveira de Souza

Imagens: Acervo Pessoal; Domínio Público

Apoio



Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Elizabeth M. N. de. Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de língua portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola/Elizabeth Mota Nazareth de Almeida. 2022. 479 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Feira de Santana, 2022.
- BAHIA WS. Chapada Diamantina. 2012. Disponível em: https://turismo.bahia.ws/wp-content/uploads/2012/11/Chapada-Diamantina_turismo1.gif. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 2013. 325f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/01/o-pasquineiro-da-roc3a7a-tese-patrc3adcio-barreiros.pdf>. Acesso: 10 maio. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Informações sobre visitaçã – Parque da Chapada Diamantina*. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/parna-da-chapada-da-diamantina/informacoes-sobre-visitacao-parna-da-chapada-da-diamantina>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BRUZZI, Nilo. *O homem de Maria Dusá*. Rio de Janeiro: Aurora, 1953.
- CAMBRAIA, C. N. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHARTIER, R. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95- 111.
- CHARTIER, Roger. 2001. *Cultura escrita, literatura e história*: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Porto Alegre: Artmed.
- CERQUEIRA, Eptácio Pedreira de. Lindolfo Rocha: o advogado do sertão. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- COHN, Gabriel. A concepção oficial da política cultural nos anos 70. In: MICELI, Sergio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984. p. 85-96.
- COUTINHO, Afrânio; CARVALHO FILHO, Aloísio; LEÃO, Múcio; BRUZZI, Nilo. *Lindolfo Rocha*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1953.
- DINIZ, Almachio. *O diamante verde*. Bahia: Catilina, 1919.
- DUARTE, Rosinês de Jesus. “Ensinando a transgredir”: a crítica filológica na sala de aula da educação básica. In: Risonete Batista de Souza; Rosa Borges; Isabela Santos de Almeida; Débora de Souza. (Org.). *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. 1ed. Salvador: Memória & arte, 2020, v. 1, p. 511-530.
- EDIURO. Nossa história, 2024. Disponível em <https://www.ediouro.com.br/site/institucional/>. Acesso em 05 ago. 2024.
- EDITORA ÁTICA. Ática saber, 2024. Quem somos. Disponível em <https://atica.saber.com.br/quem-somos/>. Acesso em 05 ago. 2024.
- FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FILGUEIRAS FILHO. *Ametistas de caititu*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1963.
- GANEM, R. S.; VIANA, M. B. *História Ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina-BA*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia: dinâmica de conhecimento textual*. Trad. Greicy Pinto Bellin; Claudia Regina Camargo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

LEÃO, Múcio. Maria Dusá. In: CARVALHO FILHO, Aloísio de et al. Lindolfo Rocha. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953. p. 36-39.

LIMA, Herman. *Garimpos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

LOSE, Alicia Duhá. 2010. Edição digital de texto manuscrito: filologia no séc. XXI. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, p. 11-30, jul./dez.

LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Souza. Da pena às tags e dígitos binários: os caminhos da filologia textual no século XXI. In: ROMANELLI, Sérgio. *Compêndio de Crítica Genética América Latina*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2013. p. 51-57.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2010. Reflexiones en torno a las plataformas de edición digital: el ejemplo de la Celestina. In: POALINI, Devid. (Coord.). *De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía*, estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow. Tomo I. New York: Seminario Hispánico de Estudios Medievales, p. 226-251.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. 2007. *Hacia nuevos paradigmas textuales* (edición y difusión de los textos literarios en el siglo XXI). Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

MARIA MARIA. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/no-velas/maria-maria/noticia/maria-maria.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MANOEL CARLOS. Memória Globo. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/manoel-carlos.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARIA MARIA. Revista Amiga. 2012. Disponível em: <http://revistaamiga-novelas.blogspot.com/2012/08/maria-maria-rede-globo-1978.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. O texto literário no material didático de E/LE: (Re/Des)construções interculturais da leitura a partir da Crítica Textual. In: NAVARRO, F. et al. Compilado por Natalia Bengochea y Milagros María Vilar. (Org.). *Actas del Segundo Congreso Internacional de Profesores de Lenguas Oficiales del Mercosur*. Buenos Aires:

Editora Universidad de Buenos Aires, 2014, v. 1, p. 331-339.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves.; RODRIGUES, M. N. Crítica Textual e os livros didáticos do PNLD 2012: análise de Enlaces. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 2131-2139, 2012.

MARQUES, Xavier. *A cidade encantada*. Salvador: Livraria Catilina, 1919.

MEIRA, Júnia Tanúsia Antunes. *Uma escrita à margem [manuscrito]: o romance Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários/PPGL, Montes Claros, 2015.

MENDES, Marlene Gomes. A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil. ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES, 1., 1985. Anais... São Paulo: USP/FFLCH, 1986. p. 163-174.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Política Nacional de Cultura. Brasília, 1975.

MCKENZIE Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

MCGANN, Jerome. 1997. The rationale of hypertext. In: Sutherland, Kathryn. *Electronic text, investigations in method and theory*. Oxford: Clarendon Press, p. 19-46.

NEVES, Marcelino José das. *Lavras Diamantinas*. Bahia: [s.n.], 1967.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. A Filologia Digital em língua Portuguesa: Alguns caminhos In: *Patrimônio Textual e Humanidades Digitais: Da antiga a nova Filologia* [online]. Évora: Publicações do Cidehus, 2013 (gerado em 9 de novembro de 2023). Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1089>. Acesso em: 10 maio. 2024.

PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Rio de Janeiro: Castilho, 1922.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção*. De 1870 a 1920, volume XII, da *História da Literatura*

Brasileira. Rio de Janeiro: livreria José Olímpio Editora, 1950.

PEREIRA, Bárbara Bezerra de Santana. *A edição didática pelo prisma filológico: as crônicas de Rubem Braga em livros didáticos de língua portuguesa*. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

PEREIRA, José Basílio. Carta de José Basílio Pereira ao Lindolfo Rocha. Disponível em https://bdce.unb.br/cartas-dos-seculos-xix-e-xx/carta-de-jose-basilio-pereira-ao-lindolpho-rocha/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&search=Jos%C3%A9%20Bas%C3%ADlio&pos=8&source_list=collection&ref=%2Fcartas-dos-seculos-xix-e-xx%2F. Acesso em 18 fev. 2024.

RAMOS, José Mário Ortiz; BORELLI, Silvia Helena Simões. A telenovela diária. In. ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. (Orgs.). *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 55-108.

RABELLO, Alberto. *Contos do norte: contos regionais bahianos*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Editor, 1927.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá (Garimpeiros)* – romance de costumes sertanejos e "chapadistas". Porto: Chardron, 1910.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. Organizada por Afrânio Coutinho. São Paulo: Ática, 1978.

Rosado, Leonardo Coelho Corrêa. Telenovelas brasileiras [manuscrito]: um estudo históricodiscursivo / Leonardo Coelho Corrêa Rosado. – 2017. 345 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SAID, Edward W. Humanismo e crítica democrática. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].

SALES, Herberto. *Cascalho*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1944.

SALES, Herberto. *Além dos Marimbus*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961.

SALES, Fernando. *Aspectos da Vida e da Obra de Afrânio Peixoto*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SANTAELLA, Lucia. *O livro como prótese cognitiva*. Matrizes, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 21–35, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i3p21-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159527>. Acesso em: 16 maio. 2024.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *Desafios da ubiquidade para a educação*. Ensino Superior Unicamp, v.9, p.19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

SANTIAGO, Anfrisia. *D. Raimunda Porcina de Jesus (A Chapadista)*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1968. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23829>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, José Manoel Ribeiro da. *Conflito indígena na mata branca: o romance Iacina e seu reposicionamento na historiografia literária*. 2023. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2023.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SHILLINGSBURG, Peter L. 1993. *General principles for electronic scholarly editions*. Disponível em <http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>. Acesso em 10 jun. 2021.

THATCAMP. Manifesto das Humanidades Digitais. ThatCamp. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp], 2010. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 29 out. 2023.

Maria Dusá
na escola

